

THAÍS PEREIRA SANTOS

**NO LIXÃO NASCE FLOR: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE VIDA NO BAIRRO  
RUBEM BERTA, A PARTIR DO CASO DO ESPAÇO CULTURAL MARLON E  
MARCELINHO**

PORTO ALEGRE

2024

THAÍS PEREIRA SANTOS

**NO LIXÃO NASCE FLOR: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE VIDA NO BAIRRO  
RUBEM BERTA, A PARTIR DO CASO DO ESPAÇO CULTURAL MARLON E  
MARCELINHO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharela em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Almeida de Magalhães

PORTO ALEGRE,

2024

THAÍS PEREIRA SANTOS

**NO LIXÃO NASCE FLOR: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE VIDA NO BAIRRO  
RUBEM BERTA, A PARTIR DO CASO DO ESPAÇO CULTURAL MARLON E  
MARCELINHO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharela em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Alexandre Almeida de Magalhães  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dr. José Carlos Gomes dos Anjos  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Doutoranda Marcelli Cipriani  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Este trabalho é dedicado aos meus avós, Nelson dos Santos (I.M) e Catarina Glaci Dias dos Santos (I.M). Espero que, de onde estiverem, estejam em paz com quem me tornei. Amarei-os eternamente, meus guerreiros de fé.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Congregação Budista, que orientou meus caminhos para que eu pudesse chegar aqui.

Agradeço profundamente à minha dinda, Nádia, que me criou, me incentivou e não mediu esforços para que eu tivesse acesso à educação de qualidade. Que me tirou da escuridão e me ajudou a refazer a vida, várias e várias vezes. Agradeço à minha mãe, Cintia, que me concebeu a esse mundo e de quem herdei a sagacidade para lidar com todas as adversidades que viriam pela frente.

Aos meus avós, Nelson (I.M.) e Catarina (I.M.) que serão, para sempre, os grandes amores da minha vida, que me deram amor, disciplina e autenticidade. Para sempre, eles estarão vivos dentro de mim. Aos meus amados irmãos, Fe, Ana e Bruno, com quem divido as alegrias e angústias da vida.

À minha avó Gessy, minha tia Ceci e meu primo Lucas, que me recebem aos domingos para tomar um café da tarde, falar da vida, trocar mudas de plantas. Esses são para mim momentos em que me sinto em paz.

Aos meus dindos, Nara e Edmundo, com quem compartilho a vida desde bem pequenininha, quando me levavam ao cinema ou para a praia e eu sempre quebrava alguma coisa da casa deles, ainda assim, continuavam me convidando. Aos meus primos Isa, Murilo, Mauricio e Carol (I.M), que me proporcionaram uma infância muito feliz. À toda a minha família.

Agradeço ao meu grande amor, Tuio, com quem construí uma história linda, cheia de planos, sonhos e concretizações, e que me proporcionou uma família estendida. À minha cunhada Laís e as nossas crianças, Beatriz e Pedro, que divertem nossas sessões de cinema em casa.

Agradeço às minhas melhores amigas, Raissa e Ana Clara, com quem divido sonhos, projetos, medos e anseios, com muito amor e sem julgamento. Aos meus amigos Maicon, Natalia, Mafe, Duda, Tobias, Aléxia, Maria Clara Dieguez e Karine, que em diferentes momentos foram minha rede de apoio ao longo do curso. Aos camaradas do CECS, do Afronte e da Resistência PSOL, com quem me descobri militante.

Aos meus queridos amigos que conheci no trabalho, Guilherme, Monique e Flávia, que tiveram toda a paciência do mundo comigo e que em diversas vezes me ajudaram a construir este trabalho.

Agradeço às juventudes que conheci na Cohab e ao Matheus que me abriu portas à essas juventudes, que me inspiram a cada dia. E claro, aos queridos companheiros do Espaço Cultural Marlon e Marcelinho, que me possibilitaram a escrita deste trabalho. Que possamos sempre sonhar e lutar por outra possibilidade de futuro.

Ao meu orientador, Prof. Alexandre Magalhães, agradeço pela parceria e pelo olhar atento, por incorporar genialidade a este trabalho através de uma proposta teórica que traduziu o que eu gostaria de pesquisar. Fico feliz em poder dar continuidade à essa parceria no mestrado acadêmico.

Por fim, agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e especialmente ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, que luta pela educação pública, gratuita e de qualidade para todos.

*Fé em Deus que ele é Justo,  
Ei irmão nunca se esqueça, na guarda, guerreiro,  
Levanta a cabeça truta,  
Onde estiver seja lá como for,  
Tenha fé porque até no lixão nasce flor.*

**RACIONAIS MC'S - VIDA LOKA (PARTE 1)<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jc36BIAEWIQ>

## RESUMO

Este estudo analisa um projeto de revitalização de um lixão a céu aberto, liderado por jovens negros da Cohab Rubem Berta, ocupação localizada na Zona Norte de Porto Alegre. Em um contexto de precariedade e explosões de violência, tem-se por objetivo analisar a vida cotidiana dos moradores da comunidade em meio a condições adversas, assim como rastrear as estratégias adotadas pelo Espaço Cultural Marlon e Marcelinho para lidar com essas adversidades. O estudo utiliza os conceitos de *necropolítica* e *espacialização* do poder para entender como a violência e a exposição ao lixo expressam formas de violência contra os moradores. Através do conceito de *escrevivência* e da perspectiva de Veena Das sobre a *violência considerada em sua descida ao ordinário*, busca-se compreender como esses eventos moldam a vida dos moradores. Propõe-se a análise das *heterotopias*, noção elaborada por Michel Foucault, como espaços alternativos que desafiam as normas sociais dominantes. Nesse sentido, o Espaço Cultural Marlon e Marcelinho é visto como uma dessas *heterotopias*, constituído através de *políticas de lugar* e *aquilombamento*, formas através das quais se promove a resistência e solidariedade entre pessoas negras. Portanto, a pesquisa tem como objetivo compreender as estratégias de resistência e de produção de vida, a partir do estudo deste caso, contra a violência letal que insiste em atravessar o cotidiano.

**Palavras-chave:** Lixão a céu aberto; Explosões de violência; Espaço Cultural Marlon e Marcelinho; Políticas de lugar; Aquilombamento; Produção de vida.

## ABSTRACT

This study analyzes a project to revitalize an open-air garbage dump, led by young black people from Cohab Rubem Berta, an occupation located in the North Zone of Porto Alegre. In a context of precariousness and explosions of violence, the aim is to analyze the daily life of the community's residents in adverse conditions, as well as to trace the strategies adopted by the Marlon and Marcelinho Cultural Space to deal with these adversities. The study uses the concepts of necropolitics and the spatialization of power to understand how violence and exposure to garbage express forms of violence against residents. Through the concept of writing and Veena Das' perspective on violence considered in its descent into the ordinary, we seek to understand how these events shape the lives of residents. We propose an analysis of heterotopias, a notion developed by Michel Foucault, as alternative spaces that challenge dominant social norms. In this sense, the Marlon and Marcelinho Cultural Space is seen as one of these heterotopias, constituted through the politics of place and *aquilombamento*, ways in which resistance and solidarity between black people are promoted. The research therefore aims to understand the strategies of resistance and the production of life, based on the study of this case, against the lethal violence that insists on permeating everyday life.

**Keywords: Open-air garbage dump; Explosions of violence; Marlon and Marcelinho Cultural Space; Politics of place; Aquilombamento; Production of life.**



## **LISTA DE FIGURAS**

**Figura 01** - Localização do Bairro Rubem Berta na Cidade de Porto Alegre

**Figura 02** - Imagem da Cohab Rubem Berta vista de cima

**Figura 03** - Primeiro Mutirão de Limpeza

**Figura 04** - Sarau Oliveira Silveira

**Figura 05** - Exibição do Filme Marighella

**Figura 06** - Foto com os participantes no final da atividade

**Figura 07** - Mesa de doces da Festa de Natal - 2022

**Figura 08** - Dança das cadeiras na Festa de Dia das Crianças em 2023

**Figura 09** - Ativistas do Espaço M&M ao final da Festa de Natal em 2023

**Figura 10** - Roda de Conversa na Escola Baltazar de Oliveira Garcia

**Figura 11** - Primeira aula do Curso Popular Lanceiros Negros

**Figura 12** - Tenda de café da manhã solidário na Festa de Aniversário de 35 anos da Cohab Rubem Berta

**Figura 13** - Unidade Móvel da US Rubem Berta que prestou serviços de vacinação e testes rápidos durante o evento

**Figura 14** - Bolo de aniversário da Festa

**Figura 15** - Ativistas do Espaço Marlon e Marcelinho durante a festa

**Figura 16** - Brinquedos infláveis

**Figura 17** - Campanha na rua para as eleições do Conselho Tutelar em 2023

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMORB - Associação de Moradores do Rubem Berta  
Cohab Rubem Berta - Conjunto Habitacional Rubem Berta  
Espaço M&M - Espaço Cultural Marlon e Marcelinho  
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
I.M. - *In Memoriam*  
IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada  
NPN Solidariedade - Nós por Nós Solidariedade  
PSOL - Partido Socialismo e Liberdade  
PT - Partido dos Trabalhadores

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
METODOLOGIA	19
1. A VIOLÊNCIA E O COTIDIANO	21
1.1. QUESTÕES ACERCA DO LIXO	23
1.2. VIOLÊNCIA LETAL (A VIOLÊNCIA DESCIDA AO ORDINÁRIO)	27
1.2.1. LIMITES ESPACIAIS IMPOSTOS PELO MEDO	29
2. PRODUÇÃO DE VIDA EM MEIO À VIOLÊNCIA: AS POLÍTICAS DE LUGAR E O AQUILOMBAMENTO	33
2.1. A TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO	38
2.1.1. O SARAU OLIVEIRA SILVEIRA E O CINEMA A CÉU ABERTO	41
2.1.2. AS AÇÕES DE NATAL, DIA DAS CRIANÇAS E FESTA JUNINA NO NÚCLEO	43
2.1.3. ATIVIDADES NAS ESCOLAS E ENVOLVIMENTO DAS JUVENTUDES NO ESPAÇO M&M	47
2.2. A REVERBERAÇÃO DOS EFEITOS DE PRODUÇÃO DE VIDA NA COHAB RUBEM BERTA	51
2.2.1. CAMPANHAS DE SOLIDARIEDADE, ELEIÇÕES DO CONSELHO TUTELAR E ORÇAMENTO PARTICIPATIVO	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56

## INTRODUÇÃO

“Quando veio esse pedido de colocar o nome também do Marcelinho nesse espaço, eu fiquei pensando muitas coisas assim, né? E a gente vai caminhando e vai se fortalecendo e entendendo o porquê lá do início. Eu achava - achava assim no achismo - que era uma homenagem ao meu filho falecido, né? E e fiquei pensando, será que isso realmente vai representar ou não a comunidade? Porque quando eu recebi esse convite eu me lembrei de uma passeata que aconteceu 7 dias depois do Marcelinho ter sido brutalmente assassinado, né? E que foi totalmente organizada pela comunidade, e eu disse opa, tem um sinal aí, né? A comunidade ela se mobiliza assim, ela se auto-organiza, e foram os jovens, foi o Dylan que ajudou a mobilizar isso. Quando eu cheguei tinham faixas, tinham cartazes, minha família já estava envolvida, chegou assim para mim essa passeata. E anos depois chega um outro grupo de jovens pedindo autorização para utilizar esse nome, né? E hoje eu consigo entender que não é uma homenagem o Espaço Marlon e Marcelinho. Ele carrega e irá carregar para sempre a memória de dois jovens que representam todos os jovens negros e não negros que tiveram a sua vida ceifada, seus sonhos interrompidos. E eu entendo, e foi caminhando com as juventudes do Espaço Marlon e Marcelinho, que eu entendo o que é realmente estar com o pé no barro lutando e enfrentando o genocídio da juventude negra. Porque a gente não participa só de atos - e é super importante esse tensionamento - mas a gente faz ações cotidianas que envolvem muitas das mães que nem eu, muitas avós que nem eu, muitas das tias das vizinhas que tiveram seus Marlinhos assassinados, seus Marcelinhos assassinados. Então quantos Marlons e Marcelinhos tem nesse nosso Brasil profundo, infelizmente. E aí eu olho assim da dor do luto porque ele é muito difícil de superar. Estar no Espaço Marlon e Marcelinho caminhando, participando e construindo e pensando também é o que me ajuda no processo de cura. E eu já ouvi muitos depoimentos de mães que também já enterraram os seus filhos assassinados, negados pelo Estado, vítimas da violência que disseram para mim ‘ai, que bom que tu tá conseguindo, também quero fazer isso’, então tu vê assim o quanto essa memória é importante não só para juventude, mas para as famílias. E a comunidade vem se movimentando a cada dia, a cada dia eu vejo, eu percebo a comunidade mais envolvida da forma como ela pode.” (Catarina, 2023)

Início esse trabalho com a fala de Catarina Machado, moradora da Cohab Rubem Berta, mestra em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, doutoranda em geografia pela mesma universidade, mãe do menino Pedro Henrique e do jovem Marcelinho (I.M.), assassinado em 2014 enquanto cortava o cabelo em uma barbearia no bairro Passo das Pedras, bairro vizinho à Cohab. Conheci Catarina ao longo da minha caminhada enquanto ativista na comunidade, através do Espaço Cultural Marlon e Marcelinho - M&M, espaço de luta política em que dividimos desejos, sonhos, anseios e vitórias, e que será o tema da pesquisa cujos resultados serão discutidos ao longo deste trabalho de conclusão de curso. Ela representa, para mim, a expressão do que busco analisar neste trabalho, que são algumas estratégias adotadas por moradores das periferias de Porto Alegre para o enfrentamento da violência armada e a subversão de suas lógicas que muitas vezes permeiam esses territórios.

Então, a partir do que foi mencionado acima, este estudo partirá da minha trajetória como ativista no Espaço Cultural Marlon (I.M.) e Marcelinho (I.M.), localizado no Núcleo 16 da Cohab Rubem Berta, periferia da Zona Norte de Porto Alegre. Seu nome carrega a memória de dois jovens

moradores do Núcleo 16 que tiveram suas vidas ceifadas em circunstâncias trágicas. Situações que, infelizmente, são cotidianas nas periferias do Brasil. A história desse projeto se inicia em meados de 2019, a partir do diálogo entre alguns jovens negros moradores do bairro, mobilizados em torno da limpeza de um lixão a céu aberto que permeava o cotidiano deles. Esses jovens, Arthur (Tuio), César (Marchel), Éderson (Mano) e Arysson são crias do bairro, músicos, e já se articulavam em outros projetos e coletivos culturais, construindo relações também com outros coletivos.

Aproximei-me do grupo durante a crise sanitária causada pela pandemia do Covid-19, que atingiu o Brasil e o mundo e que, no caso brasileiro, somou-se a um crescimento exponencial da pobreza e da fome. Tal crescimento foi intensificado pela gestão do Governo Federal à época, sob controle de Jair Bolsonaro, marcada pela política de (des)governo criminoso e genocida, que foi completamente negligente com a população ao não apresentar alternativas para a crise de saúde e humanitária que se intensificava no país. Diante do cenário catastrófico, diversos movimentos sociais, coletivos, organizações não-governamentais, e até mesmo artistas, buscaram construir redes de solidariedade para alimentar milhares de famílias nas diversas localidades do país. A plataforma Wiki Favelas reuniu diversas das experiências desses coletivos, através de artigos que discutem essas redes de solidariedade.<sup>2</sup> Nesse contexto, esses mesmos jovens se reúnem em torno do coletivo de solidariedade Nós por Nós Solidariedade - NPN, que fez um importante trabalho de confecção e entrega de marmitas e de cestas básicas. Também nesse contexto, atuei no coletivo Afronte (coletivo de juventude que atuava no movimento estudantil) e da Coalizão Negra por Direitos (coalizão de coletivos e movimentos sociais negros e parceiros da pauta antirracista). Em função destes dois engajamentos fui, em 2021, uma das coordenadoras da campanha nacional “Se Tem Gente com Fome, Dá de Comer” no Estado do Rio Grande do Sul, articulação realizada junto à diversos coletivos parceiros, um deles o NPN, circunstância na qual me aproximei do grupo.

Apesar da minha aproximação com os jovens do Rubem Berta ter acontecido naquele momento, eu já conhecia alguns deles de ocasiões anteriores. Ao longo do meu caminho no Afronte, coletivo de juventude ligado a Resistência/PSOL, me fortaleci com outros jovens negros e negras que foram fundamentais para minha trajetória. Juntos, organizamos um Núcleo de jovens negros do Afronte, o Afronte Negro, que pensava, entre outras coisas, em expandir nossa atuação para os movimentos negros e populares. Iniciamos nossas atividades em 2019 no momento em que ocorriam atividades ligadas ao Novembro Negro<sup>3</sup>. Nessa época, fui apresentada pelo Matheus aos jovens do Rubem Berta. Conheci o Tuio, Marchel e Gabriel (irmão do Marchel) em uma atividade para crianças das séries iniciais da E.M.E.F. Morro da Cruz, localizada no Morro da Cruz, na Zona Leste de Porto Alegre.

---

<sup>2</sup> Disponível em

<[https://wikifavelas.com.br/index.php/Coletivos\\_em\\_a%C3%A7%C3%A3o\\_contra\\_coronav%C3%ADrus](https://wikifavelas.com.br/index.php/Coletivos_em_a%C3%A7%C3%A3o_contra_coronav%C3%ADrus)>

<sup>3</sup> Agenda de eventos e atividades que comemoram o dia 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra

Dessa forma, através das campanhas de solidariedade, me inseri naquele grupo de jovens, participando destas atividades na comunidade e nos bairros vizinhos, bem como de reuniões e ajudando o grupo com tarefas pontuais, como artes de divulgação das campanhas para as redes sociais. Além das iniciativas de solidariedade, o coletivo passou a se organizar também a partir de uma demanda local no Núcleo 16 da Cohab Rubem Berta: a revitalização de um terreno completamente ocupado por um lixão a céu aberto.

Nesse caminho, me aproximei e me envolvi com um dos ativistas do projeto, o Tuio, que além de se tornar meu grande companheiro nessa jornada, também possibilitou a criação de vínculos mais fortes com outros moradores e moradoras. Portanto, esta análise explora também narrativas de amor, concebendo-o não apenas como um sentimento, mas como uma ação (hooks, 2000).

Ao abordar a categoria do amor, a autora norte-americana bell hooks pondera sobre como o amor fortalece a comunidade, destacando que não há ambiente mais propício para aprender a arte do amor do que dentro de uma comunidade (hooks, 2000). A autora examina a noção de comunidade a partir da perspectiva da família estendida, que abrange uma união mais ampla de indivíduos em comparação com a família nuclear. Amigos, companheiros e aqueles que contribuem de alguma forma para a nossa vida diária integram a família estendida.

Hooks critica o capitalismo e o patriarcado como estruturas de dominação que incessantemente minam essa concepção abrangente de família, resultando em um aumento da alienação e na propensão a abusos de poder (hooks, 2000). Ela aponta que a maioria das pessoas é condicionada a acreditar que o amor é encontrado na família de origem ou na que construímos em relacionamentos românticos, enquanto muitas vezes negligenciamos a importância do amor nas amizades. Em contrapartida, hooks (2000) argumenta que “a amizade é o espaço em que a maioria de nós tem seu primeiro vislumbre de amor redentor e comunidade carinhosa. Aprender a amar em amizades nos fortalece de formas que nos permitem levar esse amor para outras interações com a família ou com laços românticos”.

Sem dúvida, minha motivação para esta pesquisa se dá pelo vínculo emocional e afetivo que estabeleci com ativistas e moradores da Cohab Rubem Berta ao longo dos três anos de limpeza do terreno onde seria construído o Espaço Cultural Marlon e Marcelinho. Os laços de afeto, amizade e solidariedade conduziram a construção desse projeto de forma fundamental. Utilizo-me das palavras de hooks (2000) para refletir a importância da rede de amor em torno desta iniciativa, já que, para ela, o amor estabelece as bases para a construção de uma comunidade com estranhos. O amor que criamos em comunidade permanece conosco aonde quer que vamos (hooks, 2000).

Meu relacionamento afetivo e amoroso com o Tuio me permitiu, também, passar mais tempo na Cohab, frequentar outros espaços, vivenciar o cotidiano da comunidade e,

consequentemente, vivenciar algumas características que atravessam esse cotidiano. Dentre elas, destaco duas que irão orientar minha análise ao longo deste texto: uma é a questão do descarte irregular de resíduos, situação que mobilizou os jovens locais e que também se apresenta em outros pontos da comunidade; a outra é a questão das explosões de violência armada que ocorrem frequentemente na localidade. Em algumas dessas explosões, experienciei a sensação de medo e pânico vivido pelos moradores, do trauma, da tristeza que impactava amigos e familiares, das limitações que esses eventos disruptivos impunham para as nossas ações no Espaço M&M e circulação pela Cohab; mas também as tentativas de se refazer e buscar estratégias de retomar e seguir a vida.

Portanto, a limpeza do terreno, que lidou com uma questão importante no bairro (a do lixo), foi o pontapé do coletivo para criar uma mobilização em torno da questão da violência, a principal preocupação de seus integrantes e da população local como um todo. Através da movimentação no e a partir do Espaço M&M com atividades de cultura, educação, lazer e solidariedade, o coletivo buscou estratégias de criação de outros espaços de existência possíveis, onde se possa produzir a vida diante dos limites da violência. *Assim, este estudo busca compreender, partindo da experiência do Espaço Cultural Marlon e Marcelinho, quais estratégias são adotadas pelos moradores da Cohab Rubem Berta para lidar com as explosões de violência e tornar a sua existência/vida possível.*

Para buscar responder a essa questão, parto inicialmente das minhas memórias e vivências neste lugar e, por isso, a escrita deste trabalho se sustentará no conceito de *escrevivência*, elaborado pela escritora Conceição Evaristo, que é definido como uma fusão entre escrever e viver. A autora utiliza essa definição para descrever a experiência de escrita e a relação entre a vida e a literatura, especialmente no contexto das vivências de pessoas negras.

Para Conceição Evaristo, a *escrevivência* representa uma maneira de dar voz às experiências, memórias, histórias e vivências de pessoas negras que, muitas vezes, foram marginalizadas e silenciadas na literatura convencional. Ela argumenta que a *escrevivência* é uma forma de resistência e afirmação da identidade negra, permitindo que os escritores expressem suas vidas, perspectivas e a luta contra o racismo de uma maneira autêntica e poderosa.

Em um primeiro momento buscarei problematizar situações experimentadas pelos moradores do bairro estudado — relacionadas ao lixo e a violência — a partir de conceitos balizadores que me permitiram fazer discussões de tais questões de forma mais precisa. Para compreender a presença da violência no cotidiano de vida da comunidade e as formas de controle exercida por essa violência, utilizarei as noções de *necropolítica*, do filósofo camaronês Achille Mbembe (2018) e também de *espacialização do poder*, a partir do diálogo que autor estabelece com o Frantz Fanon. A *necropolítica* se refere às formas contemporâneas que subjagam a vida ao

poder da morte e como elas reconfiguram as relações sociais. Em diálogo com Foucault, Mbembe parte da noção de biopoder para propor a noção de necropoder, já que, para ele, o biopoder é insuficiente para explicar a submissão da vida ao poder da morte (MBEMBE, 2018). Ou seja, a morte, aqui, está no centro dos cálculos do poder. Para isso, a política precisa ser uma forma de guerra, que necessita de uma base normativa do direito de matar composta por dois fatores fundamentais: o estado de exceção, que diz respeito à situação de descontrole institucional e que ocasiona perda de direitos; e a relação de inimizade, que é a construção ideológica de um inimigo ficcional para a sociedade e para o Estado.

Uma vez que a letalidade consequente da guerra às drogas possui marcadores sociais e raciais bem definidos na sociedade brasileira, é possível analisá-la a partir da lente da *necropolítica*. Segundo o Atlas da Violência 2023, publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, a juventude negra é o maior alvo da letalidade no Brasil. Em 2021, dos 47.847 homicídios ocorridos no Brasil, 50,6% vitimaram jovens entre 15 e 29 anos. Desse total, 36.922 das vítimas eram negros (soma de pretos e pardos), com uma taxa de 31,0 homicídios para cada 100 mil habitantes desse grupo populacional, contra a taxa de 10,8 para pessoas não negras (soma de amarelos, brancos e indígenas).

Seguindo o mesmo caminho, a *necropolítica* opera também através da espacialização do poder, que molda o espaço físico e envolve o controle dos movimentos das pessoas. Essa espacialização pode se manifestar de várias formas, como restrições à liberdade de circulação, checkpoints, barreiras físicas, zonas de exclusão etc., e, na análise apresentada neste trabalho, manifesta-se através dos toques de recolher recorrentes na comunidade.

Além do cenário violento que atravessa a comunidade, podemos analisar também como a *necropolítica*, enquanto forma de governo populacional, opera através da exposição da comunidade ao lixo a céu aberto e das condições precárias de habitação. Como a *necropolítica* funciona e se estrutura por meio da ideia de raça, a noção de racismo ambiental pode ser lida como uma das formas de operacionalizar e fazer funcionar a *necropolítica*. Segundo a Fiocruz (2023), o racismo ambiental é uma forma de desigualdade socioambiental que afeta principalmente as comunidades marginalizadas, como pessoas negras, indígenas e pobres.

O racismo ambiental se manifesta de várias formas, como, por exemplo, na localização de lixões e aterros sanitários próximos a comunidades de baixa renda e majoritariamente compostas por pessoas negras e indígenas, na poluição do ar em bairros mais pobres, na falta de acesso à água potável e saneamento básico em comunidades rurais e periféricas, entre outros casos (FIOCRUZ, 2023)

Dessa forma, a exposição ao lixo a céu aberto pode ser analisada como uma violência produzida pela lógica *necropolítica*, através do esgotamento das condições dignas de vida — a *necropolítica* constrói cenários inabitáveis. Nesta mesma perspectiva, o artigo "A lógica da



destruição: sufocamento, asfixia e resistências nas favelas do Rio de Janeiro", do sociólogo Alexandre Magalhães, aborda os processos de remoções de favelas no Rio de Janeiro e como os moradores dessas comunidades viveram em uma situação recorrente de sufocamento e asfixia diante da demolição de suas casas e do cenário de completa destruição. Diante dos escombros, da insalubridade, da pressão para que os moradores mais resistentes desocupassem suas casas, a instabilidade nas informações prestadas e a própria alteração da geografia do lugar - que se tornava cada vez mais inabitável -, Magalhães (2018) destaca as estratégias de resistência adotadas pelos moradores frente à destruição. O autor chama atenção para como aqueles moradores lidam com essas condições precárias, buscando se auto organizarem, criando redes de solidariedade e recriando espaços destruídos em espaços culturais e educacionais.

A violência causada por esses cenários de insalubridade pode ser estética, moral (pela vergonha do local onde se habita) e, centralmente, ambiental e sanitária, pois expõe os moradores às mais variadas doenças em razão da exposição aos resíduos, além de prejudicar as condições ambientais da região, como, por exemplo, através do entupimento de bueiros e produção de lodo em períodos de chuva. A convivência dos moradores com lixo a céu aberto e as condições precárias de habitação são exemplos explícitos de como a *necropolítica* opera, submetendo comunidades marginalizadas a situações inseguras e insalubres. Portanto, o racismo ambiental pode ser pensado como um dispositivo da *necropolítica*, uma vez que evidencia como a raça desempenha um papel fundamental na distribuição desigual dos ônus ambientais.

Um dos desdobramentos da lógica necropolítica que busco analisar são os eventos de explosões de violência armada que atingem a comunidade recorrentemente. Contudo, o objetivo ao considerar os aspectos da violência nesta pesquisa não se dá somente no sentido de narrar os eventos que marcam de forma dolorosa o território, mas justamente analisar de que maneiras esses eventos permeiam o cotidiano dos moradores. Nesse sentido, partirei das contribuições teóricas da antropóloga indiana Veena Das acerca da sua definição de violência como um evento que *desce ao ordinário* da vida. Das (2020) analisa os efeitos produzidos por grandes eventos de violência no cotidiano de sobreviventes do processo de partição da Índia e do ataque ao povo Sikhs, ocorrido após o assassinato da primeira ministra da Índia, Indira Gandhi, e explora como os efeitos da violência se manifestam em detalhes comuns e ordinários. Ao destacar o "*ordinário da violência*", Das busca entender como as estruturas sociais e culturais moldam e perpetuam formas de sofrimento e como as pessoas negociam e dão sentido a essas experiências em suas vidas cotidianas. Para Das (2020):

devemos ver a violência como aquela que excede os limites do mundo, do modo como este era conhecido? São esses os intrincados quadros de que é fazer e refazer um mundo, trazendo a baila os panoramas de totalidades, partes, fragmentos, e limites que nós podemos encontrar. Esses panoramas se associam à questão do que é escrever um etnografia da

violência - uma etnografia que não se vê como testemunho objetivo dos eventos, mas como tentativa de localizar o sujeito por meio da experiência de tais limites (DAS, 2020, p. 16).

No segundo momento do trabalho, busco justamente “localizar o sujeito” em meio a exposição ao lixo e as explosões de violência, a partir das experiências que possam evidenciar aquilo que proponho pensar como modos de produção da vida. Nesse sentido, as *heterotopias*, conceito proposto pelo filósofo francês Michel Foucault, oferece um caminho teórico para pensar a possibilidade de outras realidades possíveis, realidades que antes de qualquer outra coisa, são a contestação dos outros espaços. Para Foucault, essas são as heterotopias, espaços absolutamente outros (Foucault, 2013):

[...] acredito que há - em toda sociedade - utopias que têm um lugar preciso e real, um lugar que podemos situar no mapa; utopias que tempo determinado, um tempo que podemos fixar e medir conforme o calendário de todos os dias. É bem provável que cada grupo humano, qualquer que seja, demarque, no espaço que ocupa, onde realmente vive, onde trabalha, lugares utópicos, e, no tempo em que se agita, momentos ucrônicos. (FOUCAULT, 2013, p. 19)

Proponho que as *heterotopias*, neste caso, articulem-se a outros dois conceitos: o de *políticas de lugar*, da socióloga colombiana Maria Angélica Garzón, e o de *aquilombamento*, proposto pela historiadora brasileira Beatriz Nascimento. No caso do primeiro, Garzón (2008) se refere às ações e estratégias implementadas para intervir e transformar um determinado lugar. Essas ações são criadas, pensadas e construídas pela própria comunidade, a partir da necessidade de criar estratégias de produção da vida. Assim, a elaboração de políticas de lugar requer a consideração das particularidades e características culturais, sociais, econômicas e ambientais específicas da região.

As *políticas de lugar* partem da resistência e contestação do espaço habitado, pensando justamente na criação de um espaço outro, uma heterotopia. Contudo, defendo que há outra característica fundamental para a construção e criação desses *espaços outros*, que é a produção e o fortalecimento de vínculos comunitários, solidários e afetivos. Nesse sentido, é possível pensar a experiência do Espaço M&M, tendo em vista a configuração na qual atua, a partir do conceito de *aquilombamento*. Tal noção resgata uma referência aos quilombos como espaços de resistência negra à violência da escravização. O *aquilombamento* refere-se à prática de formação de redes de solidariedade, apoio mútuo e construção coletiva entre pessoas negras. Essa estratégia busca criar espaços de proteção, empoderamento e resistência frente às opressões e violências raciais. Para Nascimento (2021), a presença de *aquilombamentos* no Brasil é histórica, pois toda a auto-organização de pessoas negras pode se entender como uma prática de *aquilombamento*. Nesse sentido, Nascimento (2021) não vê a auto organização de favelas como sobrevivência ou resistência cultural, mas sim como o que a autora chama de “continuidade histórica”.

A análise da experiência de ação coletiva que se constitui por meio do Espaço Cultural Marlon e Marcelinho (M&M) permitirá uma reflexão sobre as estratégias adotadas pelos moradores

das periferias para enfrentar, subverter ou contornar as lógicas opressivas da violência armada ligada às disputas territoriais entre as facções criminais que controlam estas localidades. A trajetória do espaço, permeada por diversas ações e articulações coletivas, revela não apenas a urgência de lidar com as condições adversas do cotidiano, mas também a capacidade transformadora do afeto, do diálogo constante entre moradores e das construções políticas pensadas coletivamente.

A partir das experiências compartilhadas pelos ativistas e moradores envolvidos, somos convidados a examinar não apenas os eventos traumáticos que marcaram o território, mas principalmente como esses eventos se entrelaçam na vida cotidiana, moldando-a e sendo moldados por ela. A abordagem da violência a partir de sua descida ao ordinário, proposta por Veena Das, nos leva a compreender como as estruturas sociais e culturais influenciam a forma como as pessoas vivenciam e interpretam a violência em seu dia a dia.

Além disso, a análise das *heterotopias*, inspiradas no pensamento de Michel Foucault, nos permite vislumbrar outras realidades possíveis, espaços que desafiam as normas e hierarquias urbanas dominantes. Ao analisar o Espaço M&M como uma heterotopia, que se organiza através das políticas de lugar e do aquilombamento, percebemos não apenas uma resistência às opressões e violências raciais, mas também a construção de redes de solidariedade e apoio mútuo entre pessoas pobres e negras.

Nesse sentido, a pesquisa apresentada não se limita a descrever as dificuldades enfrentadas pelos moradores da Cohab Rubem Berta, mas busca compreender as estratégias de resistência e produção de vida que emergem em meio a esses desafios. Ao destacar o papel fundamental do afeto, da amizade e do amor na construção dessas estratégias, este estudo nos convida a repensar as narrativas dominantes sobre as periferias urbanas, reconhecendo nelas não apenas vulnerabilidades, mas também potenciais de transformação e resiliência.

## METODOLOGIA

A metodologia desenvolvida neste trabalho parte de um lugar muito particular: das minhas vivências neste território. Desde quando conheci o terreno tomado pelo lixo, e tive condições sanitárias para visitá-lo, ainda durante a pandemia, com o uso de máscara e álcool gel, mergulhei de cabeça num sonho de, junto a outros jovens, transformá-lo no Espaço M&M.

Conforme já mencionado, a *escrevivência* orienta minha escrita a partir da minha participação nos mutirões de limpeza, das reuniões e das diferentes ações que realizamos, e tive a oportunidade de conhecer e compartilhar a vida com alguns moradores que se fizeram mais próximos neste período.

Parte considerável do material de análise dessa pesquisa parte das minhas próprias vivências no território. Para isso, fiz um primeiro esforço de reunir em uma tabela no excel todas as atividades que fizemos desde 2020, nela organizando as atividades por ano de realização, coletivos que contribuíram, e qual tipo de atividade: cultural, educativa, beneficente, etc. Meu objetivo ao fazer essa tabela era ter uma visão mais ampla do tipo de ações que realizamos durante este período. Depois, busquei fazer uma espécie de diário de campo, escrevendo em um documento todas as memórias que tenho dessas experiências. Mesmo escrevendo o máximo de lembranças que me vieram à cabeça, muitas outras só recordei ao iniciar a escrita deste trabalho.

Acrescentei também ao meu material de análise, algumas entrevistas que realizei como suporte para respostas que ainda buscava obter, documentos como fotos, notícias de jornais e outros que considerei pertinentes, assim como uma breve revisão bibliográfica.

Sobre as entrevistas que realizei, iniciei-as conversando com dois dos quatro jovens que imaginaram este projeto: o Ederson, conhecido na comunidade como Mano; o Arysson; e o pai do Ederson, Tio Edson, que topou participar da conversa. Busquei nessas entrevistas o ponto de vista deles sobre o Espaço M&M, de como eles imaginavam que seria quando tiveram a ideia, e de como se sentem agora vendo os últimos passos da concretização do espaço. Tanto Mano quanto Arysson apontaram que não conseguiam, por diversos motivos relacionados às suas vidas pessoais, estarem tão presentes atualmente no projeto, tal como estiveram no início. Todos eles sempre foram moradores da Cohab, inclusive o tio Edson, que chegou lá logo nos primeiros anos da ocupação, e por isso achei interessante considerar as perspectivas deles também sobre a comunidade, especialmente em relação aos temas da violência e do lixo.

Minha segunda entrevista foi com o Tom, morador do Núcleo 19 da Cohab Rubem Berta e músico da Imperatriz Dona Leopoldina. Junto a outros amigos, grupo que chama de “os guri do 19”, Tom organiza eventos também no Núcleo dele, como a festa de Natal realizada em 2023, em que os integrantes do Espaço Marlon e Marcelinho estiveram envolvidos. Também em 2023 lançamos o

nome da Catarina Machado como candidata para o Conselho Tutelar, e tivemos apoio desse grupo. Busquei conversar com o Tom a fim de investigar quais as possíveis influências das ações promovidas pelo Espaço M&M no restante da comunidade, assim como as interlocuções feitas entre diferentes movimentos e ativistas. Também conversamos sobre a questão da violência e de como ela afeta os moradores locais.

Por último, entrevistei Catarina Machado, moradora do Núcleo 16, mulher negra, doutoranda em geografia na UFRGS e mãe do Pedro e do Marcelinho (I.M.). A entrevista com ela, sem dúvida, enriqueceu minha pesquisa, pois pude captar diversas camadas da história local. A partir do lugar de mulher negra, assim como eu, busquei compreender a visão dela sobre a mudança em relação ao gênero que compunha majoritariamente o espaço, a interação de outros moradores a partir da entrada dela no coletivo, as experiências e trocas que ela possui com outras mães. Conversamos sobre a trágica e precoce morte de seu filho e sobre a resignificação que ela busca dar a vida a partir da experiência do projeto. Falamos também sobre a luta pela moradia e pela vida, também enfrentada pelos quilombos urbanos de Porto Alegre, com os quais ela possui alguns anos de trabalho. Como busco analisar as experiências de vida dos integrantes e dos moradores envolvidos com o Espaço Marlon e Marcelinho a partir do conceito de aquilombamento, fez sentido questioná-la sobre aproximações que ela visualiza entre a nossa experiência e aquela dos quilombos que acompanha.

Não procurei a família do jovem Marlon (I.M.), pois fui informada por alguns ativistas do Espaço M&M que eles não gostam de falar sobre o assunto. Ao longo do processo de construção do projeto, a família de Marlon autorizou a homenagem, mas pediu para não se envolver. Conheci seu irmão em 2023, em uma ação de Dia das Crianças, e pela primeira vez ele conversou e se colocou à disposição do Espaço, ainda com bastante cautela.

Por último, busquei reunir alguns artigos que localizei sobre a Cohab Rubem Berta e as fotos que temos do Espaço M&M. Fiz também alguns mapeamentos nas redes sociais de alguns ativistas que compõem o espaço, especialmente no instagram do Deputado Matheus Gomes, do Afronte, e do Time RB, coletivo de música formado por alguns ativistas do espaço, a fim de rastrear algum evento que não participei ou não recordo. Enfim, uma soma de esforços para que pudesse ter o máximo de informações complementares àquelas que já possuía a partir da minha própria experiência.

## 1. A VIOLÊNCIA E O COTIDIANO

O Bairro Rubem Berta, localizado na Zona Norte de Porto Alegre foi criado pela lei n. 3159 de 09 de julho de 1968, e teve suas primeiras ocupações em torno dos anos 1970, sendo ocupado mais significativamente a partir dos anos 1980. A Cohab Rubem Berta é uma ocupação que integra o complexo de ocupações, conjuntos habitacionais e loteamentos do bairro Rubem Berta. A ocupação era, inicialmente, um projeto de habitação de Conjunto Habitacional, que foi paralisado por falência da construtora, em 1984, e que ficou abandonado durante 3 anos. Em 22 de abril de 1987, os prédios foram ocupados, e, posteriormente regularizados pelo decreto Decreto Nº 11.892<sup>4</sup>, da Prefeitura de Porto Alegre.

Segundo o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), o Rubem Berta é o bairro mais populoso da cidade, concentrando 87 mil habitantes.

**Figura 01 - Localização do Bairro Rubem Berta na Cidade de Porto Alegre<sup>5</sup>**



Fonte: Imagem do Google

<sup>4</sup> Disponível em

<<https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/porto-alegre/decreto/1998/1189/11892/decreto-n-11892-1998-institui-a-area-especial-de-interesse-social-na-categoria-de-aeis-i-para-fins-de-regularizacao-do-loteamento-conhecido-como-conjunto-residencial-rubem-berta-em-area-de-propriedade-da-cohab-companhia-de-habitacao-do-estado-do-rs-localizada-na-avenida-martim-felix-berta-542-na-utsi-19-utr-29>> e

<<https://www.camarapoa.rs.gov.br/draco/processos/78109/020962006PLL.pdf>>

<sup>5</sup> Disponível em <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6907/000537148.pdf?sequence=1>>

**Figura 02 - Imagem da Cohab Rubem Berta vista de cima**



Fonte: Imagem do Google

Historicamente, em decorrência da rápida urbanização e das diversas ocupações informais, o bairro enfrenta diversas questões relacionadas às infraestruturas básicas. Nesse contexto, este estudo pretende abordar duas questões que emergiram como relevantes ao longo da minha participação no Espaço M&M.

Atualmente, o Rubem Berta está entre os bairros considerados mais violentos da cidade, registrando 533 homicídios entre 2011 e 2019, segundo o mapa interativo publicado pelo jornal Zero Hora<sup>6</sup>. Devido a dificuldade de encontrar dados mais precisos, esse mapa foi a fonte mais atual localizada sobre a questão da violência na região. Além disso, entrei em contato com a Secretaria de Segurança Pública, que forneceu um relatório de crimes em 2023, o qual informa um número total de 41 homicídios registrados no bairro naquele ano. O relatório possui um campo de informações acerca da raça/cor, porém a maioria dos casos constam como “sem informação” neste campo, o que limita a precisão desta informação.

O estudo teve como ponto de partida os modos como a violência letal atravessa o cotidiano da Cohab Rubem Berta, e como as pessoas buscam seguir suas vidas em meio às suas consequências. No contexto estudado, há uma peculiaridade na forma como se organizam as facções criminais<sup>7</sup>. Enquanto em vários territórios da cidade há uma dominação consolidada por uma facção ou outra, a Cohab é um lugar em constante disputa. Sugiro pensar que esta situação

---

<sup>6</sup> Disponível em

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2017/09/raio-x-da-violencia-mapa-interativo-faz-retrato-dos-homicidios-em-porto-alegre-cj7usmjkc003p01tgd4doslac.html>>

<sup>7</sup> Para entender um pouco mais sobre a dinâmica faccional e a sua territorialização na cidade de Porto Alegre ver Marcelli Cipriani Rodrigues - Socióloga. Doutoranda em Sociologia e Bacharela em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

tende a desorganizar as rotinas de vida e a amedrontar os moradores da comunidade justamente porque a) os moradores nunca sabem a qual facção pertencem aqueles ligados ao tráfico de drogas que controlam a região e b) porque o “estar lá” não garante nenhuma estabilidade, nem para a facção, muito menos para os moradores da comunidade. Essas sugestões partem tanto da minha experiência de convívio, quanto das entrevistas que realizei, e que corroboraram essas hipóteses.

Diante das análises realizadas sobre a ocupação da Cohab Rubem Berta e suas relações com a violência letal ligada à presença da criminalidade associada ao tráfico de drogas, é possível concluir que o contexto da ocupação reflete não apenas questões estruturais e de planejamento urbano, mas também uma dinâmica complexa de poder e controle por parte de organizações criminosas. A instabilidade e a constante disputa pelo território contribuem para a vulnerabilidade dos moradores, submetendo-os a uma exposição contínua à morte.

## 1.1 QUESTÕES ACERCA DO LIXO

A questão do acúmulo de resíduos descartados de forma irregular é bastante recorrente na Cohab Rubem Berta, estando presente em diferentes Núcleos<sup>8</sup> da ocupação. Ao caminhar pelas ruas, é possível observar os pequenos acúmulos de lixo entre esquinas e ao redor de alguns Núcleos. O Núcleo 16 foi, por pelo menos 20 anos, segundo os moradores, um dos que mais acumulou resíduos, tendo um terreno que, pelo excesso de lixo descartado, caracterizou-se como um lixão a céu aberto.

Buscando rastrear alguns motivos para a situação, constatei características as quais considero relevantes, entre elas a) o tamanho das lixeiras dos prédios que não suportam o volume dos resíduos de todos os moradores, o que faz com que as sacolas de resíduos transbordem; b) a não colaboração entre todos os moradores para a manutenção da limpeza do ambiente; c) a insuficiência destacada pelos moradores em relação à coleta realizada pela prefeitura, e a questão do descarte de alguns resíduos específicos, como móveis e eletrodomésticos, por exemplo.

Acerca da primeira característica, considero basicamente as lixeiras dos prédios do Núcleo 16, onde se configura o universo de pesquisa. Ao longo dos mutirões de limpeza, uma das ações que impulsionou a criação do Espaço Marlon e Marcelinho, tais recipientes sempre transbordavam, mesmo quando a coleta realizada pela prefeitura acontecia semanalmente. Concluímos que as lixeiras daqueles prédios não comportavam a demanda dos moradores.

Atrelada a insuficiência no tamanho das lixeiras, outra questão relatada por muitos moradores foi a falta de colaboração em relação ao cuidado com o descarte do lixo. Alguns

---

<sup>8</sup> Por ser a ocupação de um Conjunto Habitacional, a divisão espacial da comunidade é feita através de Núcleos, que agrupam cerca de 5 ou 6 blocos de apartamentos.



moradores que possuem proximidade com os integrantes do Espaço M&M frequentemente comentam que algumas pessoas "não tem educação mesmo" ou "que não vão mudar, que vão ficar jogando lixo e tal".

Acerca desse aspecto, ouvi algumas vezes dos moradores durante esses últimos anos de convivência na região que um dos motivos para o surgimento desse e de outros problemas se deu a partir da construção de muros e grades em torno dos prédios o que teria levado, conseqüentemente, a uma fragmentação da ocupação.. Não consegui uma informação precisa sobre quando esses gradeamentos aconteceram, mas pelo tempo que os moradores relatam a existência do lixão (20 anos) estimo que tenha sido entre 20 e 30 anos atrás. Na avaliação feita pelos interlocutores entrevistados, essa fragmentação individualizou problemas que antes eram tratados coletivamente:

“Moro no Rubem Berta há mais de 35 anos. Quando a gente veio morar aqui, toda a comunidade se mobilizava pra deixar tudo limpo no nosso ambiente. Só que de uns anos pra cá o pessoal foi se acomodando e ninguém queria saber de mais nada, entrava tudo pra dentro das suas casa e foi ficando tudo a bangu [...] então cada vez que [a gente] passava ali foi ficando um lixão a céu aberto, e o pessoal que vinha de fora via aquele tumulto de lixo porque não tinha uma lixeira adequada pro pessoal botar o lixo. No início até tentamos fazer uma lixeira comunitária, só que o pessoal que catava lixo entrava na lixeira e deixava aberta, com o tempo começaram a ter as lixeiras individuais e piorou ainda mais ainda o problema”. (Edson, 2023)

Em diálogo com a fala do Tio Edson, Tuio sugere que “povo chegou na ocupação como comunidade” e que depois “começam a surgir muros, grades entre os prédios, e o que era a comunidade passa a ser o Núcleo, o prédio, a casa, e deixa de ser a comunidade... tanto é que o lixo é um reflexo né”. Ou seja, para esses moradores o “chegar como comunidade” se traduz na forma como as pessoas lidavam com a limpeza do ambiente de forma coletiva, com uma lixeira comunitária, e a nova configuração fez com que as lixeiras se fragmentasse em cada prédio e se tornassem insuficientes para a quantidade de lixo produzida, além de tornar a ação das pessoas mais individual.

Acerca dos serviços prestados pela prefeitura, pelas informações que levantei, a coleta domiciliar é realizada todos os dias úteis na comunidade. Já a coleta seletiva de recicláveis é realizada em alguns dias, mas não passa pelos Núcleos dos prédios do bairro, somente na avenida principal. Ainda assim, o bairro é bastante marcado pelos focos de lixo. Além da coleta realizada diariamente, os moradores do Núcleo 16 sentem falta de uma coleta específica de móveis e eletrodomésticos, que acabam sendo descartados nas calçadas, em frente aos prédios, no meio de alguns Núcleos, ou como foi no caso do Núcleo 16, em um terreno abandonado. Essa questão também surgiu durante as entrevistas, nas falas do Arysson e do tio Edson (novamente). O Arysson disse que “falta suporte do governo, da prefeitura, por exemplo, os móveis que não tem onde jogar, falta mais coleta de lixo, de outros resíduos na comunidade”. Tio Edson complementa: “não tem onde botar móveis, seria bom se tivesse um entulho correto e recolher durante de tempo em tempo,

teria que ter um lugar de descarte de móveis. Ultimamente a prefeitura trabalha mais pra recolher o lixo da rua”. Pesquisei no site do Departamento Municipal de Limpeza Urbana - DMLU sobre algum tipo de serviço para coleta desses resíduos, e encontrei a coleta especial onerosa, que possui duas modalidades de coleta: 1) Coleta Certa: disponível para recolhimento de até 1 metro cúbico. O serviço pode ser solicitado até uma vez por mês, por requerente, mediante pagamento de taxa de 12 UFM (R\$63,07 – ano 2023); 2) Coleta Eventual: disponível para recolhimento acima de 1 metro cúbico. Primeiramente é realizado o orçamento, baseado no quantitativo e na categoria de material. Depois, se aceito o orçamento, a pessoa é orientada a como fazer o pagamento. Após estes procedimentos, é agendada a retirada definitiva dos resíduos.<sup>9</sup>

Apesar desse serviço estar disponível no site da prefeitura, não é de conhecimento de todos esses moradores, e, mesmo durante o mutirão limpeza do terreno que posteriormente receberia a sede do Espaço M&M, tentamos acessar esse serviço e não conseguimos, o que nos fez contratar um serviço privado de retirada desses resíduos. Nesse sentido, ainda que o Estado ofereça serviços, esses serviços muitas vezes não funcionam ou são insuficientes para a demanda local, causando a sensação de abandono em muitos moradores, e também em muitos trabalhos que buscam discutir a precariedade em favelas. Porém, conforme aponta a antropóloga carioca Camila Fernandes (2020) sobre as dinâmicas da “ausência” e “presença” do Estado, esse tipo de discurso pode ser perigosos para as comunidades:

[...] ao longo das últimas décadas, pesquisas realizadas em favelas se referiram às comunidades e territórios periféricos a partir da “ausência” de serviços públicos. As favelas são lugares historicamente narrados a partir da falta, seja através da carência material, direitos ou recursos sociais. É corriqueiro que territórios favelados aparecem como lugares representados a partir da falta de segurança e de planejamento urbano (Valadares, 2005; Birman, 2008). Críticas importantes pontuam o perigo que discursos sobre a falta possuem na construção de estereótipos sobre os moradores de favela, nos quais “os favelados” seriam desprovidos de cultura e humanidade (Oliveira, 2016). (FERNANDES, 2020, p. 210).

Ao analisar a “ausência” do estado e da figura masculina nas favelas cariocas, Fernandes conclui que

análises sobre favelas são ora realizadas a partir daquilo que falta - água, luz, saneamento básico -, ora daquilo que remete ao excesso - às práticas *necropolíticas* de fazer morrer, torturar, matar e esperar - (Mbembe, 2016). A dinâmica de presença e ausência consiste numa forma perene de controle a partir da ostentação de uma intervenção belicosa que constrange moradores de favela ao elaborar estratégias de ação e cuidado profundamente sistemáticas, além de tumultuarem o curso de suas vidas no dia a dia. (FERNANDES, 2020, p.210 )

Como a autora pontua, a *necropolítica* é responsável também por organizar as dinâmicas de presença e ausência, uma vez que o estado se faz presente ao produzir a ausência. Diante desse

<sup>9</sup> Disponível em <<https://prefeitura.poa.br/carta-de-servicos/coleta-especial-onerosa>>

cenário, e do sentimento de desamparo, são articulações comunitárias que produzem ações em busca de lidar com as adversidades do cotidiano. Como chamarei atenção adiante, este signo da adversidade não se revela somente nas questões infra estruturais, mas também nas constantes explosões de violência na comunidade, revelando outra faceta da necropolítica.

Nesse sentido, basta uma pesquisa rápida na internet, e inúmeros casos de assassinatos, chacinas, e outras ações violentas aparecerão ao leitor. Ao tentar rastrear os efeitos subjetivos produzidos desse cotidiano violento nos moradores, me deparei com tais eventos a partir, justamente, do debate acerca do lixo. Na primeira entrevista que realizei, notei um paradoxo nas falas e na forma como meus entrevistados falavam a) quando perguntados sobre o projeto e sobre o lixo b) quando perguntados sobre a violência letal. Quando perguntei sobre as formas como a violência afetava a vida deles, apesar de me responderem que se sentiam afetados, principalmente psicologicamente, algumas respostas foram genéricas:

“por incrível que pareça o Núcleo 16 sempre teve muito lazer, então por isso os “bandidos” eles sempre respeitaram, e por isso nunca teve muita violência no Núcleo. Mas os Núcleos vizinhos tem, e acaba impactando teu psicológico e emocional, porque quando vê é um amigo que tu se criou, que tu conhece a mãe, que conhece o pai, e que teve a vida ceifada, ou tá envolvido, isso abala. A gente vive no bairro mais violento de porto alegre, então volta e meia tu ta com teu psicológico abalado, ta toda a comunidade triste, daqui a pouco tu conhece o fulano que morreu, então pior que isso abala profundamente” (Arysson, 2023)

Nessa mesma linha de raciocínio, o Mano continua:

“Mesmo não sendo de fato aqui no m&m aqui no Núcleo 16, a gente sente o impacto da violência. Quando acontece alguma coisa no bairro a gente já fica em alerta. Teve um ano que a gente ia fazer algum evento, que não lembro se era aniversário da cohab ou era aqui no Núcleo mesmo, e naquele mês tiveram algumas mortes no bairro, e daí a gente não fez, então isso acabou impactando”. (Ederson, 2023)

Ele se refere a uma atividade que o Espaço M&M faria quando fomos surpreendidos por um conflito armado. Falarei sobre esse episódio adiante. O ponto aqui é que, mesmo com essas falas sobre a não existência de violência no Núcleo 16, em outra passagem da entrevista, falando sobre a limpeza do lixo e os impactos positivos produzidos naquela área, eles revelam mais explicitamente os efeitos da violência:

“Impacto grandioso, do que era, do que se tornou e do que ainda vai se tornar. Impacto na segurança porque é menos pessoas usando drogas, polícia fazendo espancamento nas pessoas naqueles cantos do lixo” (Arysson, 2023)

Essas duas passagens das entrevistas revelam dois aspectos interessantes: o primeiro é que a presença truculenta da polícia seja tão comum na comunidade, que os próprios moradores a normalizem. Em 2023, mesmo com o EM&M já consolidado, vários moradores do Núcleo 16 tiveram seus apartamentos arrombados pela polícia em uma ação policial, inclusive o apartamento da família do Arysson. Outro aspecto é que a violência não é tematizada diretamente, mas se revela

através do que se diz sobre o lixo. Sobre esse tema, Veena Das chama atenção para as situações ordinárias da vida nas quais a violência se revela. Das (2020) explica que durante seu envolvimento com os sobreviventes da Partição da Índia, a vida dos mesmos

não foi recuperada como de grandes gestos de no campo transcendente, e sim por uma descida ao ordinário. Houve, argumento, uma mútua absorção da violência e do ordinário que me leva, por fim, a pensar como instância sempre ligada ao ordinário, como se houvesse tentáculos que se deslocam do cotidiano e prendem a si o evento de alguns modos específicos (DAS, 2020, p. 29)

Da mesma forma, o que se revela em alguns moradores é essa mesma indissociabilidade entre a violência e o cotidiano, e, principalmente, a criação de mecanismos para que se possa continuar a vida.

## **1.2 VIOLÊNCIA LETAL (A VIOLÊNCIA DESCIDA AO ORDINÁRIO)**

A primeira vez que presenciei um episódio de violência na Cohab foi em junho de 2022. Estávamos em uma reunião do grupo que organiza as ações do Espaço M&M, pensando no planejamento para uma Festa Junina que gostaríamos de fazer em um dos finais de semana naquele mês. Quando acabou a reunião, atravessamos a rua e entramos na casa de meu companheiro, quando, repentinamente, fomos tomados pelo som ensurdecedor das rajadas de tiros. Nesse dia, pela primeira vez na vida, ouvi o som de uma metralhadora. Em meio aquele cenário, acionamos todos os amigos e vizinhos para verificar se todos estavam bem. Uma jovem que estava grávida foi assassinada neste dia.

Os conflitos que se iniciaram em junho de 2022 se alastraram nos meses que se sucederam, fazendo com que, durante algum tempo, não conseguíssemos realizar atividades. Entre junho e setembro, cada tentativa de fazer alguma atividade foi impossibilitada em função do “clima” da comunidade, da instabilidade e da incerteza. Em meados de setembro, buscamos gradualmente uma retomada das ações e em outubro realizamos a ação de Dia das Crianças. Planejamos a festa durante o dia e, ao entardecer, foi montado um cinema a céu aberto, com a exibição do filme “Pantera Negra”. Nossa ideia era levar as crianças, no próximo mês, ao cinema para a estreia de Pantera Negra 2. Contudo, o filme foi interrompido por uma rajada de tiros e a sensação de terror tomou conta dos pais e mães das crianças. Encerramos a atividade às pressas, direcionando cada criança para o seu responsável, e ainda precisamos esperar algum tempo para podermos ir para a casa.

Nesse período, recordo de outras duas situações marcantes. Uma delas foi um atentado que aconteceu em torno do meio-dia, em uma das paradas de ônibus da região: um homem desceu de um carro e atirou em outro que estava em frente a parada. Em outra ocasião, um jovem que era

conhecido na comunidade, e que não tinha envolvimento com facções criminosas, mas que era familiar de uma pessoa que possuía, foi assassinado em outra parada de ônibus às 7h da manhã quando saía para trabalhar. Esse último episódio marcou profundamente alguns moradores e ativistas do Espaço M&M, pois o jovem era conhecido por muitos moradores.

Sobre outro episódio de violência, Catarina lembra de uma situação em que saiu para ir ao armazém quando ocorreu um atentado - alguns interlocutores chamam dessa forma quando não há troca de tiros - em frente ao estabelecimento: “eu tinha acabado de sair, cedo da tarde, para ir no armazém, enquanto meu filho estava brincando aqui no Núcleo com outras crianças. Teve um tiroteio na Avenida e eu tive que me atirar no chão para me proteger junto com outras pessoas que estavam entrando no armazém”. No dia desse episódio, eu estava na Cohab, na casa de meu companheiro, quando ouvimos os tiros. Em outro dia na mesma semana, ouviu-se novamente tiros em pleno horário de saída escolar e próximo a Escola de Ensino Fundamental Grande Oriente, impedindo a saída dos alunos, o que produziria e espalharia pânico entre seus responsáveis. Conversei na época com uma das moradoras e ela me disse que suas filhas não queriam mais ir à aula porque tinham medo de sair de casa.

A violência letal não atinge corpos abstratos, mas corpos de jovens que têm nome, raça, endereço, uma família e uma história e, em muitas ocasiões, a impossibilidade de ter um futuro. Essa letalidade e o atravessamento violento no cotidiano das pessoas produz um território e subjetividades marcados pelo luto. Pude presenciar, durante a realização de uma roda de conversa de mulheres negras, que fez parte da agenda de luta do Julho das Pretas<sup>10</sup> em 2023, como a vivência do luto emergiu nas falas das mulheres negras, moradoras locais, que participaram da atividade. Naquela mesma ocasião, um jovem local, que muitas daquelas mulheres conheciam, foi assassinado no dia anterior à atividade, e a história desse acontecimento veio à tona logo nas primeiras falas na roda de conversa, momento em que era possível notar as lágrimas escorrendo pelos rostos daquelas mulheres, inundando o ambiente de consternação e tristeza.

Acerca dos efeitos psicológicos produzidos a partir desses eventos, observei em mim mesma o trauma se materializar através de pesadelos e medo de dormir. Diversas vezes sonhei com aqueles tiros, com invasões, e acordei assustada no meio da noite. Da mesma forma, observei os mesmos efeitos em meu companheiro e na minha cunhada que mora com ele. Os dois passaram noites em claro após esses episódios de violência. Durante a ação de Natal em 2023, uma menina que estava brincando comigo se assustou, de repente, com os fogos de artifício. Algumas horas depois, conversei com a mãe dela, que me contou que a filha tinha ficado abalada com o som dos

---

<sup>10</sup> O julho das pretas se refere a diversas atividades e ações realizadas no mês de julho, em homenagem ao dia 25 de Julho, Dia Internacional da Mulher Negra, Latino-americana e Caribenha.

fogos, pois presenciou um ataque a tiros, momento em que precisaram se jogar no chão dentro da própria casa para se protegerem.

Ao conversar com Catarina, ela me relatou a relação de acolhimento que ela, enquanto uma mãe que perdeu seu filho, estabelece com outras mães que também vivenciaram essa dor: “essa foi a primeira experiência que eu vivi de violência na comunidade, né? Depois disso eu tenho inúmeros nomes de jovens que eu cheguei do trabalho e as mães estavam no chão chorando com os corpos dos seus filhos”. Em outra entrevista, também pude ouvir sobre como a violência letal contra jovens cresceu ao longo dos últimos anos. Ao comparar a sua geração com a de seu filho, ele revela:

Eu tô com 40 anos eu e meus ao longo dos meus 40 anos. Eu perdi três amigos um porque brincou com uma arma e dois por doença o meu filho, ele tem 22 anos, ele perdeu quatro amigos para violência todos todos os vítima da violência. Eu vou tava roubando ou foi um ou foi morto porque ele tava devendo entendeu? Ou se envolveu porque no que não era pra se se envolver, entendeu? Olha, olha a diferença, entendeu? (Everton, 2023)

### 1.2.1 LIMITES ESPACIAIS IMPOSTOS PELO MEDO

Combinado com a dor do luto, o medo também toma conta dos moradores. Para eles, dá para sentir o “clima” da comunidade a partir desses eventos: “desde pequeno a gente vê se tá ruim, já vê o clima do bairro, e já não sai pra jogar um futebol, pra fazer uma música. Mas a gente também não quer que as crianças cresçam com esse tipo de privação por causa da violência” (Ederson, “Mano”). Nesse sentido, Das (2020) explora as dimensões do medo na vida ordinária:

Não é apenas a violência experimentada no corpo nesses casos, mas também a sensação de que se perde o acesso ao contexto, aquilo que constitui o sentido da violação [...] o afeto produzido sobre os registros do virtual e do potencial, do medo que é real, mas não necessariamente concretizado em eventos, vem a constituir a ecologia do medo na vida cotidiana. Potencialidade não tem aqui, o sentido de algo que aguarda às portas da realidade para fazer sua aparição, e sim o que está presente. A tarefa aqui é descrever como os sentimentos de ceticismo vêm a ser incrustados em uma vida cotidiana amedrontada, de modo que garantias de pertencimento a instâncias mais amplas, como comunidades ou Estado, não sejam capazes de apagar as dores ou de prover meios para reparar essa sensação de ter sido traído pelo cotidiano (DAS, 2020, p. 31).

A materialidade do que Das denomina como “ecologia do medo”, para mim, revela-se na Cohab Rubem Berta a partir do que os moradores conhecem como “toques de recolher”, que são bastante recorrentes na localidade. Os toques de recolher são restrições nos horários possíveis de circulação na comunidade, geralmente impostos por facções que disputam o território. É possível compreendê-los como uma informação que corre através de um “telefone sem fio”, circulando em redes sociais e em troca de notícias entre os moradores por via oral ou aplicativo de mensagens. Outras vezes, a polícia militar notificou escolas, postos de saúde e o comércio local sobre o toque de recolher. Sua duração é oscilante, definindo temporalidades distintas, o que causa uma instabilidade muito grande entre os moradores:

“[...] a gente um cotidiano de medo de incerteza, existe toque de recolher. Se é fake news ou não é a gente da comunidade fica com muito medo. Fica um silêncio, as escolas fecham nesse período. Esses dias deu esse tiroteio, foi uns 3 dias muito intensos de guerra, assim de disputa do tráfico. As escolas pararam, o posto de saúde parou, o serviço de convivência parou. A gente viveu momentos de horror, de terror. (Catarina, 2023)

Uma questão interessante dessa passagem da entrevista é que, independentemente da informação ser verdadeira ou não, os toques de recolher produzem efeitos concretos na comunidade, justamente porque os moradores são tomados pela sensação de medo e de terror. O toque de recolher, seja a sua efetivação ou sua ameaça (ou seja, uma virtualidade, algo que pode acontecer a qualquer momento) se torna um dispositivo prático-discursivo importante na regulação e controle destas localidades. Ele funciona como um mecanismo de controle dos movimentos/circulações possíveis, bem como impõe outras temporalidades, definindo em que momentos essas mobilidades podem e devem ocorrer sem riscos.

Ao analisar tal contexto, os toques de recolher manifestam-se como uma ferramenta-chave de controle e opressão, conforme argumenta Mbembe, estando intrinsecamente vinculados à *espacialização do poder*, que é uma peça fundamental no controle dos movimentos. Da mesma forma, mais uma vez nota-se a ambiguidade da presença - ausência do Estado, uma vez que a polícia militar está permanentemente presente no bairro, mas não garante a segurança dos moradores.

“a gente questiona o estado, o que ele vai ser? O que vai ser feito? Porque é um dever [do estado] a segurança. É nosso direito de ir e vir e ter essa segurança no dever do Estado. E a gente, enquanto comunidade, percebe que tá jogado assim, porque a gente não vê, não acompanha, não tem indicadores e nem mídia dizendo que isso acontece na classe média e classe média alta da cidade de Porto Alegre. Mas nós da Cohab Rubem Berta, estamos sempre [no noticiário] tu digita [na internet] Rubem Berta, primeira coisa que vem no Google são os homicídios, é mais um jovem negro morto, né? A gente não tem assalto aqui, não sei se tu percebeu que não tem assalto aqui, né? Mas a gente tem essa questão de abandono e outras violências [...]” (Catarina, 2023).

A sensação constante de medo e insegurança também é definida por muitos interlocutores como “abandono” pelo Estado. Esse sentimento de abandono, de falta, de ausência também é revelado através das falas dos entrevistados e de outros moradores com quem já conversei no bairro. Porém, nesse processo a “ausência de Estado” não significa inocuidade de ações, mas desvela um tipo de poder que regula e gere através de uma dinâmica oscila entre distância e proximidade, mesclando o sentimento de medo junto a possibilidade concreta de castigo (FERNANDES, 2020).

Nesse sentido, é interessante perceber as diversas posturas adotadas pela polícia - Brigada Militar (BM) - neste período. Certa vez, a polícia fazia uma espécie de “escolta” de moradores no bairro. Em determinados horários, a cavalaria da BM ficava nas paradas de ônibus, em frente a mercados, escolas, unidades de saúde, além de fazer rondas de carro, permitindo que muitos

trabalhadores chegassem seguros em casa, ou saíssem para ir ao mercado, à farmácia etc. Em outros momentos, a própria polícia participou dos tiroteios, como na troca de tiros mencionada anteriormente ocorrida na frente da escola, e em outra situação na qual fizeram uma apreensão de armas, impedindo um ataque contra a facção “local” (facção que ocupava a comunidade naquele período).

Por diversas vezes, a polícia tratou de forma truculenta alguns moradores, principalmente através dos “paredões”, que consistem em uma revista agressiva, que expõe as pessoas à humilhação. Inclusive alguns integrantes do Espaço M&M já foram perseguidos ou “tomaram paredão”. Em uma dada situação, estávamos realizando um mutirão para uma ação de Dia das Crianças, quando uma viatura abordou um de nossos ativistas. Naquele instante, eu e outra companheira fomos até a situação da abordagem e conversamos com os policiais, explicando sobre o que fazíamos e os motivos da circulação de jovens naquele lugar e horário. Eles alegaram que abordaram o ativista, pois ele apresentava “vestimentas e atitudes suspeitas”. Segundo os mesmos, ele estava saindo de um prédio e voltou quando viu a viatura. O fato é que estava entrando e saindo em função das atividades relacionadas ao mutirão.

Ouvi recorrentemente relatos sobre arrombamentos nos apartamentos, bem como espancamentos como quando policiais teriam agredido um grupo de adolescentes que haviam estourado bombinhas na rua. Ao observar como se efetiva a *espacialização do poder*, expressão territorial da *necropolítica*, por meio dos toques de recolher e pelos efeitos traumáticos causados pelos assassinatos de jovens no bairro, é possível afirmar que as juventudes podem se locomover nesse cenário marcado pela ruptura constante da vida cotidiana por um ato violento? Diante da paralisação das atividades cotidianas, da inscrição do horror e do medo, quais estratégias são adotadas pelos moradores para contornar essa lógica e criar ambientes em que a produção da vida seja possível?

A partir do caso do Espaço Cultural Marlon e Marcelinho, buscarei, seguindo a linha de raciocínio de Das (2020) localizar o sujeito em meio a essas experiências, e tecer algumas das respostas para as perguntas, a partir das noções de políticas de lugar e aquilombamento.

Diante da complexidade observada na ocupação da Cohab Rubem Berta, que abrange desde questões estruturais e de planejamento urbano até dinâmicas de poder e violência urbana, é evidente que a realidade da região não pode ser compreendida de forma isolada. As situações de violência, especialmente aquelas relacionadas e conformadas pelas ações da criminalidade violenta, consideradas aqui por meio da sua descida ao ordinário da vida, atravessam o cotidiano dos moradores, afetando não apenas suas vidas materiais, mas também deixando marcas profundas em seus aspectos psicológicos e emocionais.



A análise das interações entre a violência urbana e a gestão do lixo na comunidade revela uma intrincada rede de relações, onde o poder estatal se manifesta tanto na produção da ausência de serviços públicos adequados quanto na presença opressiva da polícia. Os toques de recolher, as ações arbitrárias da polícia e a constante sensação de medo e incerteza destacam a complexidade da interação entre o Estado e os moradores, revelando uma dinâmica de controle e opressão que se manifesta de múltiplas formas.

Nesse contexto, emergem estratégias de resistência e resiliência por parte dos moradores, como as ações comunitárias e de produção da vida através de espaços como o Espaço Cultural Marlon e Marcelinho. Essas iniciativas buscam contornar a lógica de violência e opressão, criando ambientes onde a solidariedade, a cultura e a produção da vida estão em primeiro plano.

## 2 PRODUÇÃO DE VIDA EM MEIO À VIOLÊNCIA: AS POLÍTICAS DE LUGAR E O AQUILOMBAMENTO

“Fui eu que dei a ideia do espaço, porque a gente vivia com bastante lixo, rato muitas vezes. E várias vezes eu, de noite com insônia, abria a janela e via aquele monte de lixo, um monte de cachorro, gato indo ali [mexer no lixo] e pensava ‘ba podia ser melhor né’ [...] esse espaço podia ser melhor, podia ter alguma coisa ali. Aí me veio a ideia de fazer um espaço recreativo pra nós da comunidade, principalmente pras crianças, já que a nossa geração não conseguiu aproveitar, mas que daqui a um tempo as crianças poderem aproveitar melhor. E foi aí que eu dei a ideia de limpar o espaço pro Tuio, Arysson, Marchel, e o que viesse era consequência. Logo o Tuio se comunicou com o Matheus e outras pessoas que vieram e deram uma força pra nós e ampliaram a ideia.” (Ederson, 2023)

Apesar das adversidades enfrentadas cotidianamente, as comunidades se organizam em diferentes ações e iniciativas que buscam produzir a vida através da arte, da cultura, do lazer, da educação e da solidariedade. São alguns exemplos já existentes na Cohab Rubem Berta, o Instituto Cultural Cohab é só Rap, que realiza alguns eventos de hip hop durante o ano; a Alvo Cultural, localizada no Centro Vida, que apesar de não estar situada na Cohab (se localiza na Av. Baltazar de Oliveira Garcia), desempenha um papel importante através do acesso à leitura e à cultura, possuindo uma biblioteca comunitária e realizando alguns eventos de rap e poesia; a Associação de Moradores do Rubem Berta, que abre as portas para que projetos da comunidade aconteçam, entre outros.

Também nessa perspectiva, emerge a ideia de transformar um lixão a céu aberto em um lugar habitável. Em diálogo com a noção de lugar habitável, a antropóloga Adriana Vianna, ao resgatar Das (2020) aborda como em ambas as situações estudadas em “Vida e Palavras”, há

um mesmo vetor: a ambivalência da vida em comum – a forma de vida compartilhada – como aquilo que tanto pode ferir de modo mais dramático, justo pela proximidade e pelo compartilhamento, quanto pode curar, no processo sempre delicado e precário de reconfeção do cotidiano. Na intimidade agonística do cotidiano, ordinário e extraordinário se encontram, entremados um ao outro (DAS 2010a: 02 apud VIANNA, 2020, p. 07).

Nesse sentido, como refazer a vida após esses *eventos críticos*? De acordo com Garzón (2008), um conceito importante para refletir sobre as formas como as pessoas lidam com as consequências de *eventos críticos* (DAS, 1995) é o de *lugar*. Para a autora, o lugar se caracteriza: 1) pela localidade: estrutura nas quais relações cotidianas estão inscritas; 2) pela localização: espaço geográfico específico; e 3) senso de lugar: orientação subjetiva derivada da vida em um determinado lugar. A partir dessa localização, Garzón propõe que a produção de lugar pode ser relacionada ao territorial, ao identitário (senso de pertencimento) e ao cotidiano, o que o torna uma noção interessante para o estudo da ação social em contextos marcados por eventos de violência que atravessam o cotidiano.

Orientada por esse pensamento, compreendo que a transformação de um terreno tomado

pelo lixo, inserido em uma comunidade atravessada pela violência armada, em um espaço cultural com biblioteca comunitária seja uma *política do lugar*. Ao reivindicar a criação de um espaço-outro, os jovens negros que iniciaram esse projeto partem da defesa do lugar como um esforço de resistência, reapropriação, reconstrução e reinvenção; em última análise, a criação de novas possibilidades de estar no lugar e estar em redes globais (ESCOBAR & HARVOURT, 2002, p.3).

A reinvenção dos modos de fazer vida, que emergem a partir desses quatro jovens, reverberam para outros movimentos, para moradores e juventudes que, coletivamente, moldam a história desse lugar. Nesse sentido, Garzón (2008) aborda o lugar como um território ocupado por uma série de relacionamentos de indivíduos (SIMMEL, 1939, apud GARZÓN, 1939).

o lugar não é apenas determinado por limites geográficos, ele também é imaginado como parte do contexto social de uma experiência vital, em que as relações entre os indivíduos geram formas de agir, viver, pensar, sentir e conhecer. Portanto, o lugar deve ser entendido além daquelas interações que ocorrem nele em uma escala territorial; para defini-lo, outras dimensões da vida em sociedade (cultural, política, econômica, etc) devem ser levadas em consideração. (SIMMEL, 1939, apud GARZÓN, 1939, p. 96).

Portanto, para pensar como as políticas de lugar operam no caso do Espaço M&M, irei abordar: as articulações desses jovens com outros projetos/grupos/coletivos até a consolidação do Espaço Cultural Marlon e Marcelinho enquanto coletivo; as ações de limpeza e as atividades culturais no terreno; a participação ativa em espaços de deliberação da cidade; de que forma esse conjunto de elementos se tornam importantes para a produção do lugar e do cuidado. Para a efetivação da limpeza do terreno, e da sua transformação em um lugar vivo, que pudesse ser, como um dos jovens entrevistados relata, um “espaço de lazer para as crianças”, diversas articulações com outros coletivos e movimentos da cidade foram necessários.

A maioria dessas articulações partem da relação já consolidada dos jovens com o então Deputado Estadual, Matheus Gomes, com quem Tuio, Arysson, Mano, Marchel e Gabriel já nutriam uma relação de amizade, e com quem eles dividiram também outros projetos. Um desses projetos foi o Pegada Preta, desenvolvido por eles e pelo MAIS (Movimento por uma Alternativa Independente e Socialista), corrente partidária que o Matheus participava à época.

O Projeto Pegada Preta, iniciativa cultural originada em meados de 2016, congregava jovens da comunidade na Praça México, situada no Rubem Berta, e incluía expressões culturais do bairro, como músicos, poetas e grafiteiros. Além disso, abrigava feiras de empreendedores negros locais e um "microfone aberto" para que os moradores expressassem demandas políticas e comunitárias. A Alvo Cultural, associação comunitária de artistas, também colaborava na estrutura do evento.

Alguns anos depois, em 2020, os jovens do Núcleo 16, o Matheus, e outros amigos do bairro se articulam novamente em torno da mobilização em campanhas de solidariedade durante a

pandemia de Covid-19. O grupo de trabalho para a arrecadação e distribuição de marmitas e cestas básicas foi se fortalecendo e se consolidando, até se tornar o coletivo Nós por Nós Solidariedade - NPN.

Só em 2020, o NPN distribuiu 7 toneladas de alimentos e materiais de higiene, mil marmitas e 500 máscaras de proteção. Além disso, o coletivo realizou uma Live Solidária, resgatando o nome do Projeto Pegada Preta, com participação do grupo de pagode Grupo Bicho Solto e rodas de conversa com lideranças negras. Foi também naquele ano que o coletivo inicia os mutirões de limpeza, e, na oportunidade da Live Solidária, o grupo recebeu uma doação do Projeto Poa 150 Fotos, valor que garantiu a compra de um contêiner para ser utilizado no terreno. A chegada do contêiner demarcou o espaço físico e chamou atenção dos moradores que moram em seu entorno, ainda desconfiados do que seria feito naquele local. Com a chegada do contêiner, alguns panfletos informativos passavam de porta em porta, explicando o projeto que antes se chamaria “Espaço Cultural Nós por Nós”.

Também naquele ano, me aproximei aos poucos do grupo, a partir de outro coletivo em que o Matheus dividia espaço comigo, o coletivo de juventude Afronte. Além dele, outras duas ativistas do Afronte participaram das primeiras campanhas de solidariedade, em 2020. A partir delas e do Matheus, eu e outras mulheres começamos a participar ao fim daquele mesmo ano. Participamos da Ação de Natal, que distribuiu 200 marmitas e 700 kits de Natal, distribuídos no Condomínio Marista, em articulação com o MTST, a pessoas em situação de rua em diferentes locais da cidade, e na Cohab Rubem Berta.

A maioria das pessoas do coletivo se mobilizaram também em 2020, para a campanha eleitoral do Matheus, que, naquele ano, entrou para a história da cidade com a eleição que formaria a Primeira Bancada Negra da história da Câmara de Vereadores de Porto Alegre.

Entre o final de 2020 e o início de 2021, o coletivo NPN enfrentou uma crise interna, envolvendo questões pessoais entre os membros, mas principalmente desacordo em relação aos valores e princípios norteadores do grupo. Essa crise resultou em uma fragmentação, com as pessoas envolvidas na confecção de marmitas mantendo o nome Nós Por Nós, enquanto os jovens que dariam continuidade aos trabalhos no Núcleo 16 atuariam como os outros coletivos que eram parte do NPN: o Time RB, coletivo de música formado por Tuio, Gabriel, Marchel e Felipe; a juventude do Afronte; e a Resistência PSOL. Apesar dessas mudanças, ambos os coletivos seguiram realizando ações de solidariedade na região naquele período de emergência sanitária e social. Com a fragmentação do grupo, outros nomes começam a ser discutidos para o Espaço, até que se chegasse, por reivindicação e comum acordo, em “Espaço Cultural Marlon e Marcelinho” em memórias aos jovens moradores do Núcleo que tiveram suas vidas interrompidas. Nesse

cenário, como ativista do Afronte e Resistência, imergi na experiência de limpeza e revitalização do Espaço.

Além da vitória da Bancada Negra entrar para a história da cidade, a eleição do Matheus para a Câmara em 2020 expandiu a atuação e a articulação entre diferentes ativistas e movimentos da cidade. Uma dessas articulações importantes foi com a socióloga e influenciadora Winnie Bueno, que possui um projeto chamado WinnieTeca. A WinnieTeca é uma rede que conecta pessoas que precisam de livros àquelas que podem doar. Junto a este projeto, lançamos a campanha de arrecadação para as obras de reforma do terreno através da plataforma Catarse - plataforma de arrecadação de fundos online<sup>11</sup>. Com o valor arrecadado, garantimos as duas principais alterações no terreno: a troca das lixeiras do lugar, recriando uma lixeira central, e a colocação do portão no espaço.

Anos depois, outra articulação foi fundamental para a concretização do Espaço M&M, foi com o técnico de futebol Roger Machado e com o Projeto Kopa Coletiva. Recebemos o financiamento para a obra de finalização e o projeto arquitetônico do Espaço M&M. A Kopa é um projeto que leva a arquitetura para as periferias de Porto Alegre a baixo custo.

Além dessas, outras relações importantes foram estabelecidas ao longo do tempo, principalmente com os próprios moradores do Núcleo, que gradualmente se envolveram com o Projeto e passaram a produzir esse lugar de forma diferente. Neste capítulo, busco resgatar, a partir de minha experiência, as ações que produziram essas relações. Pressuponho que esse conjunto de ações gradualmente possibilitou a construção de um *espaço outro*, uma *heterotopia* na qual a vida é possível. A solidariedade e o fortalecimento dos laços entre os moradores e ativistas do espaço no contexto considerado podem ser pensados a partir dos conceitos de *políticas de lugar* e *aquilombamento*, noções que proponho mobilizar de maneira combinada para refletir sobre tais questões.

Ao analisar os quilombos, Beatriz Nascimento (2021) busca desmistificar a ideia de que quilombo era um lugar de fuga, ou ainda que a motivação para a fuga até o quilombo era o medo de lutar:

fuga, longe de ser espontaneísmo ou movida por incapacidade de lutar, é, antes de mais nada, a decorrência de todo um processo de reorganização e contestação da ordem estabelecida. Fuga é motivada por uma necessidade de resistência, e não de acomodação. O quilombo, portanto, não pode ser reduzido à fuga. (NASCIMENTO, 2021, p. 125)

Sendo assim, o quilombo ou seus correlatos são tentativas vitoriosas de reação ideológica, social, político militar sem nenhum romantismo irresponsável (NASCIMENTO, 2021). O quilombo, para a autora, criou um sistema de organização e estrutura social

---

<sup>11</sup> Disponível em <<https://www.catarse.me/espacomarlonemarcelinho>>

interna, autônoma e articulada com o mundo externo. Entre um ataque e outro da repressão oficial, ele se mantém ora retroagindo, ora se reproduzindo. Esse momento chamaremos de paz quilombola, como caráter produtivo que o quilombo assume como Núcleo de homens livres, embora potencialmente passíveis da escravidão. (NASCIMENTO, 2021, p. 128)

Nascimento propõe que a longa duração dos quilombos no período colonial se dá através da sua paz, e não da resistência através da luta armada (ainda que necessária). Para ela, a paz quilombola talvez fosse mais ameaçadora do que as formas de resistência à violência. Na transição do período colonial para o sistema capitalista, Nascimento retoma a memória do quilombo como forma organizacional dos negros na contemporaneidade:

Se sabemos que o negro e outros oprimidos permanecem, por exemplo, nas favelas e áreas periféricas da cidade, obrigados por fatores não só decorrentes da marginalização do trabalho como também pela marginalização racial, podemos dizer que o quilombo, embora transformado, perdura. Embora possa coincidir com a guerra do quilombo, é na paz que esse modelo de estrutura social se perpetua como história do Brasil e do negro dentro dela. (NASCIMENTO, 2021, p. 131)

Em diálogo com Nascimento, acredito que as ações desenvolvidas pelo Espaço M&M transcendem as formas de resistir e, mais do que isso, propõem outras formas de vida. Essas outras formas se materializam, inicialmente e de forma simplória, pela limpeza de um terreno tomado pelo lixo.

Para não me ater unicamente a uma linha cronológica, fiz o esforço de listar em uma tabela com todas as atividades que recordei realizadas pelos integrantes do Espaço M&M ao longo destes três anos, a fim de rastrear suas características com o objetivo de propor pensar esse conjunto de atividades como *práticas de aquilombamento*. Das atividades do Espaço M&M que listei desde 2021, fizemos pelo menos 10 mutirões maiores de limpeza, que incluíram a limpeza e as obras do espaço; pelo menos 7 diferentes ações de engajamento e participação em debates da cidade, incluindo campanha eleitoral para o Matheus, em 2022, campanha para o Conselho Tutelar e a participação do Espaço M&M nas assembleias de orçamento participativo, em 2023; pelo menos 4 tipos de ação envolvendo educação infantil, incluindo as oficinas nas escolas e outras atividades em parceria com as mesmas; 5 tipos de atividades voltadas para a educação da juventude, incluindo reuniões de articulação com outros movimentos e territórios, para a escrita e disputa de editais (articulação com as lideranças do Condomínio Princesa Isabel e a Vila Maria da Conceição), aulas pré-enem e as aulas do cursinho popular Lanceiros Negros; 6 tipos diferentes de atividades de lazer; 14 campanhas de ações de solidariedade; 3 ações de cultura e debate com a juventude - Sarau Oliveira Silveira, Roda de Mulheres Negras no Julho das Pretas de 2023 e Roda de conversa com Deputado Renato Freitas - PT, e uma de cultura para o público infantil (Exibição do Filme Pantera Negra).

Pretendo destacar nesta parte do texto as atividades que considero relevantes, de forma que elas permitam compreender a experiência promovida a partir e pelo Espaço M&M como uma *política de lugar* e uma expressão contemporânea de práticas de aquilombamento. Além destas ações, destaco também como, a partir do projeto, é possível observar a estruturação de redes ativistas ou redes de produção de vida em territórios periféricos. Nesse sentido, o projeto é uma linha num conjunto de feixes de experiência que se emaranham conformando a produção de espaços-outros. Buscarei discutir algumas dessas ações e conexões que foram essenciais para a consolidação do espaço.

## 2.1 A TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO

Minha primeira participação na limpeza do espaço ocorreu em 2020, no dia em que o contêiner para a retirada dos resíduos foi contratado. Na chegada, o contêiner do lixo já estava quase cheio, mas havia uma grande quantidade de resíduos espalhados. Priorizamos móveis, restos de madeira e objetos grandes para o contêiner, ao mesmo tempo em que organizamos o restante em sacos de lixo, separando garrafas plásticas e de vidro, e outros objetos cortantes.

Depois da chegada do contêiner, que se tornaria futuramente uma biblioteca comunitária, participei em janeiro de outro mutirão. Novamente, fizemos a separação das garrafas e outros objetos cortantes e colocamos o lixo em outros saco, bem como capinamos o terreno. Fizemos este mesmo processo outras muitas vezes, lidando com mais ou menos lixo dependendo da ocasião.

A campanha de arrecadação junto à WinnieTeca nos possibilitou a segunda obra no Espaço, considerando a chegada do contêiner. A partir de uma demanda apresentada por alguns moradores locais, realizamos a instalação de um portão no espaço, já que, na época, havia alguns relatos de que pessoas com dependência química poderiam estar “guardando drogas” no Espaço, ou de que a polícia fazia espancamentos no local.

Antes da realização da obra, organizamos um Assembleia de Moradores para discutir esse tema, assim como para apresentar melhor e responder dúvidas que pudessem surgir sobre o projeto. Nessa assembleia, definimos como tarefa o estabelecimento de diálogo com o Departamento Municipal Limpeza Urbana de Porto Alegre - DMLU para organizar os horários de coleta do lixo, para abrir e fechar o portão. A reunião teve um bom quórum e acordo geral dos participantes em colocar o portão.

Com o portão colocado, seguimos com os mutirões de limpeza, além do plantio de mudas de algumas plantas e flores que ganhamos de moradores, o que permitiu fazer um pequeno jardim em frente ao contêiner. Uma família de catadores que havíamos ajudado em outro momento com

doações participou dessa ação conosco, e alguns vizinhos passavam e paravam para olhar, conversar e elogiar o que fazíamos.

Ainda que o lugar estivesse se modificando, com um contêiner e um portão, o acúmulo de lixo dentro do terreno ainda persistia, pois, conforme mencionado, os resíduos de três lixeiras dos prédios ali desembocavam. Esse problema perdurou até 2023, quando realizamos a terceira alteração no espaço, a qual considero mais complexa, pois impactaria diretamente na vida dos moradores, uma vez que as lixeiras mudariam de forma e de lugar.

Com muito cuidado, realizamos inicialmente reuniões com moradores de cada prédio que compõe o Núcleo 16 para a discussão acerca da troca das lixeiras. Por fim, convocamos uma nova Assembleia, na qual participaram “representantes” de cada edifício. Discutimos a obra que, finalmente, daria fim ao descarte de lixo naquele espaço entre os prédios: a retirada das lixeiras que ficavam dentro do terreno, e a confecção de três grandes lixeiras centrais que comportariam todo o resíduo dos 6 prédios do entorno.

Nesse sentido, o *aquilombamento*, como aponta Nascimento (2018) recria um espaço não só de resistência, mas, no caso aqui em tela, de uma “microresistência”, se assim podemos definir a limpeza de um terreno tomado pelo lixo, inserido em um contexto de constante violência. Dessa forma, as primeiras ações promovidas pelos integrantes do Espaço M&M podem ser compreendidas como uma “continuidade histórica” (NASCIMENTO, 2018). Nesse sentido Nascimento (2021) argumenta:

Não se trata, no meu entender, exatamente de sobrevivência ou resistência cultural, embora venhamos a utilizar esses termos algumas vezes, como referência científica. O que procuramos neste estudo é a “continuidade histórica” por isso me referi a um sonho. No final do século XIX que o quilombo recebe o significado de instrumento ideológico contra as formas de opressão. Essa passagem de instituição em si para símbolo de resistência mais uma vez redefine o quilombo. Justamente por ter sido durante três séculos concretamente uma instituição livre, paralela ao sistema dominante, sua mística vai alimentar os anseios de liberdade da consciência nacional. (NASCIMENTO, 2021, p. 133)

A partir destas experiências e do que surgiu nas entrevistas, meus interlocutores identificaram alguns “efeitos positivos” dessa troca das lixeiras. Em conversa com Catarina, ela disse que a colocação da lixeira central fez com que os moradores dos prédios que antes não se engajavam ou mesmo se interessavam pelas atividades realizadas pelo Espaço M&M, passassem a não só a utilizar a infraestrutura recém instalada, como também a interagir entre si e participar com mais frequência das ações promovidas pelo grupo. Ela também mencionou que após a chegada do contêiner no terreno recuperado pelos integrantes do Espaço,

“teve várias atividades, atividades de rodas de conversa, atividades de passar filmes para as crianças, atividades dentro do container de educação, isso a comunidade começou a ver aqui [...] E algo começou a mudar algumas pessoas, por exemplo, vim com as suas crianças nas ações, né? Como a ação de Dia das Crianças, ação de Natal. E este ano em especial, a



gente fez uma ação nova, né? Que foi a ação da festa julina, que mobilizou muita gente, então as pessoas começaram a perceber e acompanhar que aqui, naquele espaço que era lixo, estava acontecendo atividades” (Catarina, 2023)

Reflico sobre esses efeitos tidos como “positivos” pelos que atuam no Espaço M&M como expressão da *política do lugar*, que, ao destacar a maneira como o lugar é configurado e reconfigurado por meio de diferentes disputas, evidencia a relação entre cultura, poder e espaço, validando as lutas em torno do corpo, da habitação, do lar, do território etc (GARZÓN, 2008). No caso estudado, a luta por um lugar em que se realizem ações de cultura, educação, lazer, também se inscreve em dinâmicas de disputa da/pela cidade. Nesse sentido, Garzón argumenta:

Embora as políticas de lugar privilegiem a escala local para o estudo dinâmico social, elas não ignoram o fato de que essa dinâmica alimenta e nutre a dinâmica global. Dessa forma, lugar não é sinônimo de isolamento; pelo contrário, é o cenário para as experiências cotidianas relacionadas a contextos globais (GARZÓN, 2008, p. 101)

Dessa forma, as alterações realizadas pelos integrantes do Espaço M&M produziram efeitos nos moradores no sentido de impulsionar novas produções do lugar, principalmente na relação de cuidado estabelecida com o território onde habitam. Ao mesmo tempo, o Espaço começa a movimentar discussões acerca dessas “experiências cotidianas relacionadas a contextos globais”. Além de um processo de “reeducação” com o lixo, as juventudes do M&M também começaram a pensar em ações que movimentam o lugar, como ações culturais, de lazer, de educação para a juventude, etc.

**Figura 03 - Primeiro Mutirão de Limpeza**



Fonte: Imagem cedida pelo Espaço Cultural Marlon e Marcelinho.

### 2.1.1 O SARAU OLIVEIRA SILVEIRA E O CINEMA A CÉU ABERTO

A primeira ação que realizamos no Espaço M&M foi um sarau, e teve como tema a história do dia 20 de novembro, o Dia Nacional da Consciência Negra, e que chamamos de Sarau Oliveira Silveira. A atividade consistiu na leitura de poemas do poeta gaúcho Oliveira Silveira, bem como na discussão sobre a trajetória desse importante militante e do Grupo Palmares<sup>12</sup> para o movimento negro no Rio Grande do Sul. Contamos com aproximadamente 20 jovens, que, em roda, levantavam e puxavam uma poesia para leitura. Entre uma poesia e outra, conversamos sobre o Grupo Palmares, esclarecemos algumas dúvidas uns com os outros e fazíamos reflexões coletivas. Alguns jovens passavam por ali e paravam para ouvir, falavam algumas coisas e depois iam embora. Um deles pediu para recitar uma poesia: “Rapidinho porque tenho que ir trabalhar” ele disse, e assim começou a cantar. Esse jovem era conhecido como Lelei, primo do Marcelinho (I.M.) e a poesia, um canto de saudade de seu familiar. Em meio as lágrimas, dele e nossas, senti a dor daquele menino em mim, mas também me senti acolhida e fortalecida por aquele espaço de compartilhamentos e trocas.

**Figura 04 - Sarau Oliveira Silveira**



Fonte: Imagem cedida pelo Espaço Cultural Marlon e Marcelinho.

---

<sup>12</sup> Em 20 de julho de 1971, quatro rapazes negros fundaram em Porto Alegre o Grupo Palmares, sendo logo acompanhados pela presença atuante de jovens negras e mais outros integrantes. O grupo seria reconhecido como o impulsor da proposta do 20 de Novembro como o Dia Nacional da Consciência Negra. Disponível em <<https://artsandculture.google.com/story/BgXRJakjmcizKA?hl=pt-BR>>.

Ao anoitecer, projetamos o filme “Marighella”, um momento de cinema a céu aberto, no qual outros moradores participaram, ou simplesmente, ao passarem pelo local de exibição do longa, comentando e avaliando a ação. Tais atividades se constituíram como momentos de acolhimento e fortalecimento de vínculos entre os jovens presentes na atividade. As avaliações feitas por eles após esta ação, mas também posteriormente a outras realizadas em diferentes momentos, destacavam como, ao nos ver ali, onde existia um lixão, fazendo poesia, a visão deles sobre o território mudou. Em uma dada situação, um jovem negro disse que “o Tuio, o Mano, O Marchel, eles mudaram tudo, porque eles não fizeram por eles ou pela família deles, eles fizeram um bagulho que também é pra minha família, pra tua família, pra família de todo mundo”.

**Figura 05 - Exibição do Filme Marighella**



Fonte: Imagem cedida pelo Espaço Cultural Marlon e Marcelinho.

**Figura 06 - Foto com os participantes no final da atividade**



Fonte: Imagem cedida pelo Espaço Cultural Marlon e Marcelinho.

O Sarau Oliveira Silveira e a exibição do Filme Marighella abriu caminhos para que outras ações fossem também articuladas. Dentre elas, a mobilização envolvendo integrantes do coletivo e demais moradores se intensificou com as atividades realizadas em torno do Dia das Crianças e do Natal.

### **2.1.2 AS AÇÕES DE NATAL, DIA DAS CRIANÇAS E FESTA JUNINA NO NÚCLEO**

As ações de Dia das Crianças e de Natal iniciaram ainda em 2021, depois que o Sarau Oliveira Silveira reverberou de forma positiva no Núcleo 16. Neste ano, ainda com pouco recurso financeiro, buscamos fazer brincadeiras e atividades que são mais comuns, como dança das cadeiras, cabo de guerra, corrida do saco, e a atividade que virou um clássico nas festas do espaço: a batalha de tiktok, que consiste na competição de danças criadas através do TikTok<sup>13</sup>. Também fizemos um cantinho com jogos, pintura no rosto e desenho, que costumam atrair as crianças menores. Já a ação de Natal, ainda naquele ano, consistiu apenas na arrecadação e entrega de presentes para as crianças do Núcleo 16.

Essas ações realizadas ao longo de 2021 foram fundamentais para o envolvimento dos moradores com o Espaço M&M, que não só participavam dos eventos, mas passaram também a cuidar daquele lugar de outra forma. A própria dinâmica do lixo mudou, pois menos pessoas descartam seus resíduos ali.

Já em 2022, principalmente após a nossa participação na organização da Festa de Aniversário da Cohab, conseguimos angariar recursos financeiros e tivemos um bom planejamento, o que fez com que a ação de Dia das Crianças fosse mais ampla, envolvendo mais crianças e também moradores adultos. Naquele momento havíamos conseguido mobilizar diversos artistas locais para participar das atividades promovidas pelo Espaço M&M, o que nos permite compreender como tais ações expressavam a ampliação de laços e conexões entre diferentes grupos que habitam a região.

Infelizmente, como já destacado, a ação de Dia das Crianças do referido ano terminou de forma tensa e intempestiva, sendo atravessada por mais um episódio de violência armada na comunidade. Tal evento foi o estopim de uma espiral de conflitos violentos nos meses que se sucederam, o que fez com que ficássemos um período considerável sem conseguir realizar nenhuma atividade.

---

<sup>13</sup> Disponível em <<https://www.tiktok.com/pt-BR/>>

Essa possibilidade só surgiu novamente em dezembro daquele ano e, com a oportunidade, realizamos uma nova ação de Natal, que seria considerada a primeira grande festa que fizemos no Núcleo. Os integrantes do grupo conseguiram se organizar com antecedência para realizar o evento com uma estrutura melhor em relação ao ano anterior. Contratamos brinquedos infláveis, compramos brinquedos para dar de presente de Natal, e garantimos bastante comida e bebida. Além do valor arrecadado, essa foi também a primeira vez que o engajamento de mulheres, moradoras do Núcleo, se manifestou de forma mais direta, especialmente por meio da doação de vários pratos de comida. Foi possível notar igualmente o maior envolvimento de moradores adultos, que participaram, entre outras formas, levando suas cadeiras de praia com o objetivo de interagir com as atividades.

**Figura 07 - Mesa de doces da Festa de Natal - 2022**



Fonte: Imagem cedida pelo Espaço Cultural Marlon e Marcelinho.

Em 2023, também articulamos uma Festa Junina, que chamou atenção centralmente pela quantidade de alimentos doados pelos moradores. Um total de 19 mulheres moradoras do Núcleo 16 e dos Núcleos que o rodeiam, levaram cada uma um prato diferente de comida, e algumas levaram também refrigerante. Além disso, muitas delas também ajudaram distribuindo comidas e bebidas, ou cuidando das crianças nos brinquedos infláveis. Quando entrevistada, Catarina comentou sobre a participação feminina nas ações para as crianças: “as mulheres - moradoras - começaram a se somar principalmente com o ato de cozinhar, de fazer comida”.

**Figura 08 - Dança das cadeiras na Festa de Dia das Crianças em 2023**



Fonte: Imagem cedida pelo Espaço Cultural Marlon e Marcelinho.

**Figura 09 - Ativistas do Espaço M&M ao final da Festa de Natal em 2023**



Fonte: Imagem cedida pelo Espaço Cultural Marlon e Marcelinho.

Dois temas que considero relevantes ao analisar a construção dessas ações são a) os conflitos que envolvem a organização interna do coletivo no processo de elaboração, conflitos que, inclusive, muitas vezes desencadearam a saída de ativistas do grupo do Espaço M&M; b) o movimento contrário, que acontece após as ações, a entrada de ativistas no grupo do Espaço M&M. Essas dinâmicas são importantes para entender como se constituem as ações coletivas em torno do

lugar, buscando demonstrar como esse é não somente atravessado, mas constituído por diferentes conflitos. Destacar a dimensão conflituosa, seja aquela mais ampla na qual se desenrolam as ações do Espaço M&M (da violência criminal e/ou estatal), seja aquela cotidiana que molda os laços estabelecidos pelas pessoas, é observar as estratégias políticas ancoradas no lugar, que buscam, por meio de sua transformação, desafiar as imposições globais (GARZÓN, 2008) e coloniais que o estruturam.

Em relação aos conflitos na organização interna, a cada ação que realizamos, fazemos em seguida reuniões de balanço, que buscam discutir acertos e erros da ação. Muitas vezes os conflitos se dão porque alguma atividade compreendida pelos integrantes como “erradas” voltam a se repetir em outros momentos. Muitas vezes se dão na própria discussão sobre a divisão de tarefas de uma ação, ou da forma como essas ações irão ocorrer. Discussões que muitas vezes parecem pontuais ou pormenores, mas que ditam o andamento e o envolvimento das pessoas com o coletivo, causando inclusive rupturas.

Em movimento contrário, ainda que com algumas rupturas, o grupo busca estratégias políticas que se iniciam em atividades e ações em torno das crianças, mas que, também, incentivaram ao longo do tempo a participação de outros públicos. Nas ações para crianças nos anos que sucederam, o Espaço M&M passou a envolver cada vez mais as mães, as avós, as tias e demais membros das famílias dessas crianças. Os moradores do Núcleo 16 e de Núcleos vizinhos começaram a sair dos prédios e levar cadeiras de praia para o Núcleo e participar das festas. Sobre esse envolvimento das famílias nas ações, Mano disse durante a entrevista que

“ontem eu pensava nas crianças, hoje já pensamos até em nós, que a gente vai poder aproveitar e já tá conseguindo aproveitar porque tem a horta, de bater um papo ali, trocar ideia, já passou até filme ali entendeu? Então acho que daqui há um tempo esse espaço vai ser muito bem utilizado por todo mundo, criança, nossa geração e até os mais velhos” (Ederson, 2023)

Tio Edson complementa: “a família pode usufruir dali também, trazer pessoas de fora para conhecer, dar ideia para outras pessoas que quiserem fazer esse tipo de projeto, é um espelho para outras comunidades”.

A partir do envolvimento inicial com as crianças, essas atividades foram progressivamente integrando outras camadas da população local, como mães, avós, tias e demais membros das famílias. Além disso, esses eventos se tornaram catalisadores do engajamento inicial dos moradores, inspirando também outras ações na comunidade. Nesse sentido, no ano 2023 participamos também de ações promovidas por outros coletivos na comunidade. Um deles foi a ação de Dia das Crianças no Núcleo 19. Realizei uma entrevista com um dos organizadores do evento, o Everton, conhecido como Tom, que conheceu o Espaço M&M ainda durante a pandemia, quando foi um dos beneficiários das entregas de cestas básicas. Desde lá, ele busca participar ou ao

menos divulgar as ações promovidas pelo Espaço M&M, e também se articula com os amigos e vizinhos do Núcleo 19:

vou começar explicando o grupo dos Guri do 19, né? Os Guri 19 é um grupo de amigos que se conhece desde criança, a gente vivia ali no 19. O Núcleo 19 abrange também os Núcleos 20, 21, 23, 24 e 25, e ali tinha um campo que os garotos treinavam, era uma escola de futebol bem antiga, quem é da antiga sabe. Então a gente começou a tomar aquele campo pra nós. A gente jogava naquele campo e frequentava ali, então teve muita disputa de futebol ali, campeonatos, torneios, né? E muitos times passaram por ali. Depo is de um tempo isso foi se apagando, se apagando, e o pessoal foi se espalhando, criando família, né. Aí com o tempo assim depois em 2019, acho que depois do WhatsApp o pessoal se conectou de novo, né? Aí ao longo do tempo a gente foi criando o grupo no whatsapp e assim foi surgindo o coletivo, né? (Everton, 2023)

A partir de certos eventos realizados pelo grupo “surgiu o interesse de fazer essa festa de novo, né? E assim foi surgindo a importância de ajudar o bairro e fazer as parcerias com o Espaço Marlon e Marcelinho, que eu espero que isso se concretize assim no decorrer do da nossa caminhada” (Everton, 2023).

Dessa forma, ao longo dos anos, as iniciativas realizadas pelo Espaço M&M no Núcleo 16 refletem não apenas a celebração de datas festivas, como o Natal e o Dia das Crianças, mas também um movimento de transformação do espaço físico e envolvimento comunitário que buscam alterar a forma como as pessoas produzem o lugar. Estas ações, embora marcadas por desafios internos e episódios de violência na comunidade, destacam-se pelo seu impacto crescente e pela participação diversificada dos moradores.

### **2.1.3 ATIVIDADES NAS ESCOLAS E ENVOLVIMENTO DAS JUVENTUDES NO ESPAÇO M&M**

Desde 2021, concomitante aos mutirões de limpeza e as ações do Espaço M&M, buscamos estabelecer relações com algumas escolas do bairro através de oficinas e rodas de conversa. Essas atividades surgiram a partir do Afronte e de alguns jovens que foram do projeto Pegada Preta, que já realizavam esse tipo de ação em escolas, que inclusive, foi assim que conheci os jovens do Rubem Berta. Participei de uma oficina de Abayomi na E.M.E.F. Grande Oriente do Rio Grande do Sul, com uma turma das séries iniciais, e de uma roda de conversa sobre o acesso à universidade com turmas do ensino médio na escola E.E.E.M. Baltazar De Oliveira Garcia - BOG.

Nossa relação com os alunos do BOG nos estimulou a desenvolver uma iniciativa do espaço que envolvesse o acesso de jovens à universidade, e esse foi outro caminho que usamos para tentar nos movimentar em meio às explosões de violência na Cohab. Fizemos, entre o final de novembro e início de dezembro de 2022, alguns aulões pré-enem, que funcionavam aos sábados pelas manhãs, horário estrategicamente pensado, já que esse era o horário de menor recorrência de violência no



bairro. Tivemos pouco tempo de divulgação e também pouca estrutura física, já que a reforma do espaço ainda estava em andamento. Por estes e outros motivos, tivemos poucos alunos, mas, ainda assim, esta experiência seria o embrião do que viria a se tornar, no outro ano, um cursinho popular.

O Curso Popular Pré-Enem Lanceiros Negros teve início em julho de 2023, contou com cerca de 35 inscrições, na sua maioria jovens negros e negras, e manteve o mesmo esquema de horários dos aulões, sábados pela manhã alternados. Em algumas aulas, recebemos outros grupos que nos buscam para falar com os jovens sobre diferentes temas: crise climática, universidade e negritude, racismo, etc.

A partir do relato das atividades desenvolvidas, pode-se concluir que o envolvimento comunitário e educacional desempenhou um papel fundamental na promoção de oportunidades educacionais e no combate às adversidades sociais, como a violência na Cohab. A iniciativa de estabelecer parcerias com escolas locais, oferecendo oficinas, rodas de conversa e aulões pré-Enem, demonstrou um compromisso com promoção da igualdade de oportunidades, especialmente para jovens negros e negras. O surgimento do Curso Popular Pré-Enem Lanceiros Negros em 2023, com uma participação significativa de jovens da comunidade, evidencia o impacto positivo dessas ações e a continuidade do engajamento comunitário com o Espaço M&M. Através da educação e do fortalecimento do coletivo, foi possível plantar sementes que germinaram em iniciativas concretas, demonstrando o potencial de mobilização da comunidade.

**Figura 10 - Roda de Conversa na Escola Baltazar de Oliveira Garcia**



Fonte: Imagem cedida pelo Espaço Cultural Marlon e Marcelinho.

**Figura 11 - Primeira aula do Curso Popular Lanceiros Negros**



Fonte: Imagem cedida pelo Espaço Cultural Marlon e Marcelinho.

As diferentes frentes de trabalho propostas pelo Espaço Cultural Marlon e Marcelinho, demonstram as estratégias das juventudes de produzir outros modos de vida em um contexto atravessado pela violência. Ao fazer isso, o Espaço M&M cria o que Foucault chama de *heterotopia*, a construção de um espaço que é diferente, que é um *contra espaço*, um espaço de utopias situadas, esses lugares reais fora de todos os lugares (FOUCAULT, 1966, p. 20). O autor aborda várias formas de *heterotopia*, porém, em geral, a heterotopia tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis (FOUCAULT, 1966, p. 24).

Ao propor a criação de um lugar *heterotópico*, o Espaço M&M possibilita, através de suas diversas ações e produções a *continuidade histórica* dos quilombos. Nesse sentido, Nascimento (2021) argumenta:

Estabelecido num espaço geográfico, presumivelmente nas matas, o quilombo começa a organizar sua estrutura social interna, autônoma e articulada com o mundo externo. Entre um ataque e outro da repressão oficial, ele se mantém ora retroagindo, ora se reproduzindo. Esse momento chamaremos de *paz quilombola*, como caráter produtivo que o quilombo assume como Núcleo de homens livres, embora potencialmente passíveis da escravidão. Pela duração no tempo e pela expansão no espaço geográfico, o quilombo é um momento histórico brasileiro de longa duração, e isso é graças a esse espaço de tempo que chamamos de paz, embora muitas vezes ele não surja na literatura existente. Essa paz está justamente nos interstícios da organização quilombola, e exige-se, sobre ela, um esforço de interpretação maior, com o qual se ultrapasse a visão do quilombo como a história dos ataques da repressão oficial contra uma outra organização que talvez na paz ameaçasse muito mais o regime escravocrata do que na guerra. (NASCIMENTO, 2021, p. 128)

Da mesma forma, experiências como o Espaço M&M, que buscam outra produção de vida, podem ser consideradas como experiências de *aquilombamento* (NASCIMENTO, 2021). Nesse sentido, a *paz quilombola* pode ser traduzida justamente através dessas produções de vida. Sendo assim, o *aquilombamento*, as *políticas do lugar* e as *heterotopias* são conceitos que se entrelaçam na medida em que, a partir do caso estudado, um complementa o outro. Ou seja, as *políticas de lugar*, entendidas nesta pesquisa como todas as dinâmicas do Espaço M&M, como a limpeza do lixo, o diálogo com os moradores, as articulações com outros movimentos sociais, o Cursinho Popular, etc., propõe a continuidade histórica e a construção da paz, diante do enfrentamento à violência e ao racismo através do *aquilombamento*. E o *aquilombamento* propõe, por si próprio, uma *heterotopia*.

De 2022 para 2023 a composição do grupo e dos processos de decisão coletivas também foram agregadas pela participação mais ativa de alguns jovens moradores do Núcleo 16. Hoje, contamos com um coletivo de aproximadamente 15 pessoas, na sua grande maioria jovens e adultos de 18 a 35 anos. Para além da quantidade, a participação mais ativa de moradores possibilitou um salto qualitativo na produção do lugar.

## 2.2 A REVERBERAÇÃO DOS EFEITOS DE PRODUÇÃO DE VIDA NA COHAB RUBEM BERTA

Ao analisar o Espaço M&M como uma experiência de *aquilombamento*, é possível refletir como essa experiência se reverbera na comunidade. Nesse sentido, discutirei algumas ações em que a produção do lugar, pensada no Núcleo 16, se articula com outros movimentos. Uma dessas articulações surge a partir da retomada da Festa de Aniversário da Ocupação da Cohab Rubem Berta, em 2022.

A Festa de Aniversário da Cohab Rubem Berta era organizada desde o primeiro ano da ocupação (em meados de 1968), quando costumava-se fechar a avenida principal da região para a realização de apresentações de artistas, distribuição de bolo de aniversário e brinquedos, etc.

Há diversos comentários que circulam na comunidade sobre a desmobilização para a realização da Festa, mas não consegui reunir outras fontes que me permitissem afirmar com precisão os motivos para o fim das comemorações em anos recentes. As informações que possuo, é que por pelo menos 10 anos a ação deixou de acontecer.

Foram alguns jovens do Espaço M&M que iniciaram o diálogo com outros movimentos para a articulação de retomada da festa. Assim, passamos a nos somar em algumas reuniões de organização. Participei de pelo menos dois destes encontros, que reuniram pessoas das mais diversas áreas: lideranças comunitárias, artistas, microempreendedores, barbeiros, cabeleireiros, confeitores, produtores, entre outros.

Cada reunião envolvia imensas discussões, disputa política entre movimentos sociais, muitos conflitos entre alguns moradores e tais movimentos, que até mesmo questionavam a presença deles nesses espaços. Ainda sim, se construía uma divisão de tarefas e de atuação durante o evento. Ao novamente pensar nas políticas de lugar, podemos analisar neste caso como essas políticas produzem efeitos também para o restante da comunidade.

Em um território racializado, que é frequentemente noticiado como um dos lugares mais violentos da cidade, uma festa mobilizada por um conjunto de atores que ocupa a avenida principal da comunidade é, sem dúvida, um enfrentamento à narrativa dominante sobre a localidade.

A Festa de Aniversário aconteceu no dia 30 de abril, e ocupou a avenida principal do bairro. Às 09 horas da manhã começamos a servir o café da manhã solidário, e o palco da festa já estava montado. Depois chegaram os brinquedos, as bancas e feiras empreendedoras do bairro, os barbeiros que fizeram cortes gratuitos, bancas de assistência jurídica e de partidos políticos. A festa durou um dia inteiro e teve apresentações de diversos artistas locais, sendo encerrada às 21 horas com apresentação da Escola de Samba da comunidade, Imperatriz Dona Leopoldina.

**Figura 12 - Tenda de café da manhã solidário na Festa de Aniversário de 35 anos da Cohab Rubem Berta**



Fonte: Imagem cedida pelo Espaço Cultural Marlon e Marcelinho.

**Figura 13 - Unidade Móvel da US Rubem Berta que prestou serviços de vacinação e testes rápidos durante o evento**



Fonte: Imagem cedida pelo Espaço Cultural Marlon e Marcelinho.

**Figura 14 - Bolo de aniversário da Festa**



Fonte: Imagem cedida pelo Espaço Cultural Marlon e Marcelinho.

**Figura 15 - Ativistas do Espaço Marlon e Marcelinho durante a festa**



Fonte: Imagem cedida pelo Espaço Cultural Marlon e Marcelinho.

**Figura 16 - Brinquedos infláveis**



Fonte: Imagem cedida pelo Espaço Cultural Marlon e Marcelinho.

A partir da nossa participação, o Espaço M&M amplia a sua atuação na comunidade, passando a articular: discussões acerca do Orçamento Participativo; envolvimento em campanhas e processos eleitorais de espaços comunitários, como o Conselho Tutelar, a Presidência da Escola de Samba Imperatriz Dona Leopoldina, e a direção da Associação de Moradores do Rubem Berta (AMORB); oficinas de música em parceria com o Projeto Laranjinha, promovido pela bateria Laranja Mecânica (bateria da Escola Imperatriz); o próprio curso pré-enem, que foi realizado na AMORB; entre outras ações. A articulação para a Festa da Cohab também aconteceu em 2023, quando realizamos novamente o evento.

### **2.2.1. CAMPANHAS DE SOLIDARIEDADE, ELEIÇÕES DO CONSELHO TUTELAR E ORÇAMENTO PARTICIPATIVO**

Apesar de a mobilização comunitária se dar a partir do projeto do espaço, as campanhas de solidariedade que se iniciaram durante a pandemia seguem firmes até hoje. Desde então, além de cestas básicas, fizemos também campanhas de arrecadação de roupas e sapatos, de material escolar, de brinquedos, etc. Especialmente em 2023, em função dos ciclones que devastaram o estado, trabalhamos firmemente na arrecadação de roupas, itens de higiene, cobertores, etc. Essas campanhas foram junto à AMORB, e atendeu muitas famílias que foram atingidas no bairro.

Muito além do assistencialismo, aprendi com as campanhas de solidariedade, como muitas vezes as pessoas não têm tempo de reconstruir a vida diante das urgências das demandas. A crise climática se tornou, neste caso, mais um fator agravante e urgente para aqueles que já convivem com a exposição ao lixo, as explosões de violência e as dinâmicas relacionadas ao governo necropolítico. Nesse sentido, a auto organização se faz essencial para que pelo menos as famílias atingidas tenham o mínimo de condições necessárias para seguir a vida.

Diante desse contexto, com a finalidade de expandir nossa atuação na comunidade e o diálogo com os moradores, assim como de se inserir em outros espaços públicos, disputamos em 2023 uma das vagas para o Conselho Tutelar. Nossa representação foi a Catarina Machado, que apareceu diversas vezes durante este texto, e que possui um trabalho bastante relevante com as juventudes quilombolas em Porto Alegre. Nossa campanha somou cerca de 500 votos na comunidade, tendo em vista o aparato sustentado pela direita para essas votações, concluímos que foi uma boa campanha. Como muitos dias de campanha na rua foram durante a semana, nos horários em que estou trabalhando, participei em poucos dias. Em um deles, adentramos todos os prédios do Núcleo 18, batendo de porta em porta, conversando com quem abria a porta para nós. Na oportunidade, uma senhora de 90 anos aproximadamente nos deu quadrinhos. Muitas conversas

com Catarina eram emotivas em função das lembranças de seu filho falecido, muitas também transformavam as emoções em desejos de fazer a Catarina Conselheira Tutelar.

Ainda que não tenhamos entrado no Conselho, a nossa participação na campanha foi fundamental para divulgar e apresentar o Espaço M&M em zonas em que não tínhamos acesso. Nesse sentido, a articulação proposta por Garzón acerca da política de lugar, compreende o lugar

como uma arena que permite a mobilização de diversas formas de ação em face de modelos universalizantes e totalitários do mundo. Também se torna uma ferramenta política e analítica para examinar as relações entre as redes locais e globais, o surgimento das identidade, a produção de conhecimento e a apropriação do território; em suma, o lugar como uma aposta política para o posicionamento, a enunciação, a ação, e a criação de novas formas de identidade social e cultural (GARZÓN, 2008, p. 100)

Outra discussão surgiu no Espaço M&M, desta vez sobre o Orçamento Participativo - OP, e a defesa da cultura como uma das prioridades do bairro. O OP representa um instrumento de democracia participativa adotado pelo governo municipal, no qual os cidadãos têm a oportunidade de influenciar ou tomar decisões acerca dos orçamentos públicos, particularmente os destinados a investimentos municipais, por meio de processos que envolvem a participação ativa da comunidade. São muitos os debates e conflitos que surgem durante essas discussões, e tanto o OP como a Campanha para o Conselho Tutelar são vistos entre muitos moradores como algo que não funciona, e entre muitos movimentos sociais como termômetros para as próximas eleições. De qualquer maneira, nossa participação no OP de 2023 nos garantiu cerca de 20 mil reais para execução de evento cultural, o que irá nos permitir fazer a inauguração do Espaço Cultural Marlon e Marcelinho.

**Figura 17 - Campanha na rua para as eleições do Conselho Tutelar em 2023**



Fonte: Imagem cedida pelo Espaço Cultural Marlon e Marcelinho.



Construindo diálogos com outras experiências que considero, de certa forma, *heterotópicas*, o artigo "Hackear e Aquilombar: As Juventudes Negras Cariocas no Enfrentamento ao Racismo de Estado", Tamiris Pereira Rizzo e outras autoras abordam a resistência e o enfrentamento do racismo por parte das juventudes negras no Rio de Janeiro através de análises de coletivos negros na UFRJ e na Favela da Rocinha e as ações promovidas por estes, como slams, rodas de conversa, oficinas, etc. As autoras refletem nesta pesquisa sobre as estratégias que essas juventudes criam para enfrentar e ressignificar a vida em ambientes violentos para elas, se utilizando das noções de hackeamento e *aquilombamento* como formas de luta e empoderamento.

Nesse mesmo sentido, o artigo "Retando las geografías de terror: estrategias culturales para la construcción del lugar" de María Angélica Garzón, aborda a forma como as estratégias culturais podem desafiar e reconfigurar as *geografías de terror* em determinados lugares. A autora explora como os lugares muitas vezes são marcados por experiências traumáticas e situações de violência, que podem criar uma *geografía de terror* que influencia a percepção e a identidade dos habitantes. A partir da experiência de cinema a céu aberto, Garzon discute como a cultura pode ser utilizada como uma ferramenta para redefinir e reinterpretar esses lugares traumatizados. Ela analisa diferentes práticas culturais, como arte, literatura, memória coletiva e ativismo, que podem contribuir para a construção de narrativas alternativas e positivas sobre esses locais. Ao fazer isso, as estratégias culturais têm o potencial de desafiar a dominação imposta pelo terror e promover uma reconexão emocional e social com o espaço.

Sem dúvidas, há muitos outros artigos que não puderam ser desenvolvidos pelas limitações da pesquisa. Porém, tanto as bibliografias abordadas, quanto as próprias experiências vividas pelo Espaço Cultural Marlon e Marcelinho apresentam uma ampla contribuição para as discussões sobre as ações de produção da vida nas comunidades. Nesta mesma direção, esse trabalho visa contribuir com as discussões já existentes sobre as possibilidades de resistência coletiva, de criação de novos modos de vida e de ruptura com os sistemas de poder através da experiência vivida com o coletivo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Busquei demonstrar, ao longo deste estudo, estratégias adotadas por moradores jovens da Cohab Rubem Berta, para produzirem vida em meio a um cotidiano atravessado pela violência letal. A partir de mobilizações de solidariedade, e depois de limpeza de um terreno ocupado pelo lixo, as

juventudes que foram se somando ao longo tempo no Espaço Marlon e Marcelinho “juntam seus pedaços e descem pra arena”<sup>14</sup>, enfrentando os desafios impostos pelo terror e o medo.

No primeiro capítulo de discussão, abordei como racismo ambiental e as explosões de violência na comunidade operam dentro da lógica da *necropolítica*, criando cenários inabitáveis. Além disso, abordei a discussão acerca da dinâmica complexa da presença e da ausência do Estado através de suas instituições existentes na comunidade.

Busquei analisar os efeitos de eventos violentos na vida cotidiana dos moradores. Orientada por Das (2020) concluo que as ações cotidianas do Espaço M&M são capazes de recriar a vida, e ser um suporte que dê sentido para que muitas pessoas possam seguir em frente. Portanto, não foram grandes eventos que recriaram essas vidas, mas sim as práticas cotidianas do Espaço M&M.

Ao reconhecer o atravessamento da violência letal na comunidade, busquei rastrear, a partir dessas práticas do Espaço M&M, a forma como as pessoas buscam lidar com esses atravessamentos cotidianamente. Portanto, este estudo não apenas desvela a realidade violenta cotidiana dessas comunidades, mas também destaca a importância do afeto, do diálogo e das construções políticas coletivas na construção de redes de solidariedade, ou, do *aquilombamento*.

Dentro de vários limites impostos pelo tempo e pelos recursos, reconheço que há várias outras literaturas que poderiam ser mobilizadas, assim como a pesquisa poderia ser ampliada. Pretendo dar continuidade à essas discussões a partir do mestrado acadêmico, que me permitirá desenvolver essas e outras questões que considero relevantes e que não foram englobadas neste trabalho.

Por fim, como costumo comentar com meus companheiros de luta, ao parafrasear o grupo de rap Racionais MC's em “Sobrevivendo no Inferno”<sup>15</sup>, que nós queremos mais do que sobreviver, e é isso que estamos fazendo: estamos construindo outras possibilidades de fazer e refazer a vida.

---

<sup>14</sup> Referência à música “Sou + você”, do grupo Racionais MC's, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=TB5gzXCax7o>>

<sup>15</sup> Álbum “Sobrevivendo no Inferno” disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=W4I3wm7vMT0&list=PLcbqoj6PmK64OJxqeNpO4CVN5ROB-5Jvb>>

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

DAS, Veena. Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário. Editora Unifesp, 2020.

HARCOURT, Wendy; ESCOBAR, Arturo. Mulheres e a política do lugar, 2002.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (Fiocruz). Racismo Ambiental: as consequências da desigualdade socioambiental para as comunidades marginalizadas. 2023. Disponível em: <<https://cee.fiocruz.br/?q=racismo-ambiental-as-consequencias-da-desigualdade-socioambiental-para-as-comunidades-marginalizadas>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2024.

FERNANDES, Camila. A força da ausência. A falta dos homens e do “Estado” na vida de mulheres moradoras de favela. Sexualidade, Saúde e Sociedade (Rio de Janeiro) , p. 206-230, 2021.

FOUCAULT, Michel. O corpo utópico, as heterotopias. São Paulo: n-1 edições, p. 33-55, 2013.

GARZÓN, María Angélica. El lugar como política y las políticas de lugar. Signo y pensamiento, v. 27, n. 53, p. 92-103, 2008a.

GARZÓN, María Angélica. Retando las geografías de terror: estrategias culturales para la construcción del lugar. Nómadas, n. 28, p. 183-193, 2008b.

HOOKS, Bell. Tudo sobre o amor. Editora Elefante, 2021.

MAGALHÃES, Alexandre. A lógica da destruição: sufocamento, asfixia e resistências nas favelas do Rio de Janeiro. Militarização no Rio de Janeiro: da pacificação à intervenção, p. 262-281, 2018.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. Arte & Ensaios, n. 32, p. 123 – 148, dez. 2016.

NASCIMENTO, Beatriz. Uma história feita por mãos negras. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

RIZZO, Tamiris Pereira et al. Hackear E Aquilombar: As Juventudes Negras Cariocas No Enfrentamento Ao Racismo De Estado. Inter-Acao, v. 47, n. 1, 2022.

VIANNA, Adriana. Vida, palavras e alguns outros traçados: lendo Veena Das. Mana, v. 26, p. e263206, 2020.